

MEMORIAL COSPAC – COMITÊ DE SOLIDARIEDADE AOS POVOS DA AMÉRICA CENTRAL

Memorial COSPAC – Committee for Solidarity with the Peoples of Central America

Maria Lucia Simões (org.).

Doutora em Geografia (UFF), aposentada. Ativista social suprapartidária desde 1975 e organizadora deste Memorial.

Joaci de S. Cunha (org.).

Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); pós-doutor pelo Programa de Políticas Sociais e Cidadania da Universidade Católica do Salvador (UCSal), onde desde 2022 professor. Assessor do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) e atual coeditor da Cadernos do CEAS.

Informações do artigo

Recebido em 30/08/2024

Aceito em 13/10/2024

doi>: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n262.p592-659>

Copyright (c) 2024 Maria Lucia Simões e Joaci de S. Cunha.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](#).

Você é livre para:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato.

Adaptar — remixar, transformar e construir sobre o material para qualquer finalidade, mesmo comercialmente.

Como ser citado (modelo ABNT)

SIMÕES, Maria Lucia; CUNHA, Joaci de S. (org.). Memorial COSPAC – Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 49, n. 262, p. 592-659, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n262.p592-659>

Resumo

O "Memorial COSPAC - Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central" resgata a trajetória do COSPAC na década de 1980, destacando seu papel na articulação da solidariedade internacional aos povos latino-americanos. O documento aborda a formação do comitê, seu apoio por diferentes setores, ações realizadas, estudos desenvolvidos e o legado de suas atividades. Através de relatos de integrantes, o memorial apresenta as relações do COSPAC com países centro-americanos e caribenhos, como Nicarágua, El Salvador, México, Guatemala e Cuba, evidenciando o engajamento do comitê em lutas por liberdade e autodeterminação.

Palavras-chave: Solidariedade Internacional, América Latina, COSPAC.

Abstract

The "COSPAC Memorial - Committee of Solidarity with the Peoples of Central America" rescues the trajectory of COSPAC in the 1980s, highlighting its role in articulating international solidarity to Latin American peoples. The document addresses the formation of the committee, its support by different sectors, actions taken, studies developed and the legacy of its activities. Through member reports, the memorial presents COSPAC's relations with Central American and Caribbean countries such as Nicaragua, El Salvador, Mexico, Guatemala and Cuba, highlighting the committee's engagement in struggles for freedom and self-determination.

Keywords: International Solidarity, Latin America, COSPAC.

CONTEÚDO

1. **Apresentação.** Maria Lucia Simões.
2. **Esperança e desafios da América Latina.** Emiliano José aborda a eleição presidencial na Nicarágua em 1990 e a divulgação jornalística durante a III

Conferência Íbero-Americana de Chefes de Estado e de Governo - III CUMBRE, em Salvador/BA (1993).

3. **Solidariedade em ação: Memórias da presença no COSPAC.** Fátima Nascimento destaca a importância do programa a Outra Voz da América, no Horário Pirata da FM Educadora (IRDEB), entre 1987 e 1988.
4. **Divulgação e Reconhecimento do Trabalho Desenvolvido no COSPAC.** Roberto Cabús Oitavén apresenta as ações do COSPAC e, resgata depoimentos dos participantes na Brigada Brasileira para a Colheita do Café na Nicarágua (Cadernos do CEAS, 1987).
5. **El Salvador: retrato do comportamento das elites e o (de)correr da luta contra a desigualdade na América Central.** Nildon Pitombo elementos da resgata a história de El Salvador e da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN) até o período recente da política salvadorenha.
6. **Memórias de Centro América e a Solidariedade Internacional.** Lucia Simões descreve as suas percepções da solidariedade latinoamericana, em princípios da década de 1980, durante viagem ao México, Cuba, Nicarágua, Panamá e Colômbia.
7. O Anexo I, fechando este Memorial, contém o documento que norteou a ação do COSPAC a partir de 1987: **Unir os Povos Latino-americanos na Luta pela Soberania do Continente.**
8. Anexos:
 - a) **Unir os Povos Latino-americanos na Luta pela Soberania do Continente** (1987)
 - b) **Estatutos** da entidade (1985).

APRESENTAÇÃO

Maria Lucia Simões

Na década de 1980, o Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central (COSPAC) foi moldado sobre a necessidade da solidariedade internacional aos povos da

América Latina. Este foi o ponto de partida para se formar uma rede de apoio a fim de deliberar ações políticas de aproximação aos povos latino-americanos. Em Salvador, Bahia, organizou-se a Comissão de Apoio a El Salvador que atuava no Comitê de Anistia e Direitos Humanos (CADH/BA, 1981) e, após alguns anos de atividades foi lançado o Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central (COSPAC) cujos estatutos foram aprovados em 17 de agosto de 1985, em assembleia de seus membros na Igreja Batista de Nazareth, sua sede oficial.

Na medida em que consolidava a sua prática política, o COSPAC contou em sua trajetória com um apoio considerável que pode ser percebido em três frentes: a constituída pela sociedade civil e setores organizados; com parlamentares principalmente nas esferas municipal e federal; e do Poder Executivo baiano durante o governo de Waldir Pires. Internamente, buscou avançar do ativismo político à preparação de leituras e discussões sobre o significado conceitual de solidariedade internacional, como também sobre a história dos países da América Latina que desenvolviam as suas lutas por liberdade e autodeterminação. Tais estudos visavam principalmente a replicar o conhecimento sobre a realidade das lutas em curso neste subcontinente.

No governo de Waldir Pires (1987-1989), essas ações contaram com o apoio das Secretarias de Cultura, de Agricultura e de Transportes. Na Cultura, destacava-se José Carlos Capinam e seu assessor Zulu Araújo. O COSPAC chegou a conectar-se a um público mais amplo através do programa **Horário Pirata**, no Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB), criado por José Wilson Lopes Pereira para ser um espaço de manifestação do movimento popular. Produziu **A Outra Voz da América**, programa que informava as lutas travadas no continente através da cultura enquanto música, enquanto poesia.

A organização de encontros, como o I Encontro do Norte e Nordeste de Solidariedade aos Povos Latino Americanos – articulando os grupos existentes no Norte e Nordeste, entidades solidárias como igrejas, sindicatos, demais órgãos de classe, partidos e entidades de assessoria –, somava-se a parcerias com o Legislativo, em âmbito federal e municipal. Isso possibilitava eventos como a vinda da atriz e deputada federal Beth Mendes para um ato no Teatro Vila Velha, onde se discutiu a visita de membros da Comissão de Relações Exteriores do Congresso Nacional à Nicarágua sandinista.

Na década de 1990, a prática de solidariedade internacional do COSPAC se refletia no apoio de diversas entidades de representação profissional, religiosas e da sociedade civil baiana. Embora tenha buscado atuar nos núcleos na periferia e no interior do estado, o COSPAC só conseguiu chegar timidamente a camadas do movimento popular, tendo como participação mais expressiva o I Fórum Regional de Educação Popular (FOREP) em agosto de 1987.

Aliados à militância, o COSPAC desenvolvia estudo e pesquisa para acompanhar as lutas na Guatemala, Haiti, Chile e Colômbia; elaboração de artigos a respeito da intervenção do governo estadunidense na América Latina, publicados nos Cadernos do CEAS, em países como Nicarágua, Panamá e Granada, pequena ilha caribenha que teve o seu Primeiro Ministro Maurice Bishop assassinado em outubro de 1983; destacou-se a entrevista de Ernesto Zelayandia representante da Frente Farabundo Marti/Frente Democrática Revolucionária (FMLN/FDR) no Brasil, sobre Reforma Agrária em El Salvador publicada no Cadernos do CEAS nº 107 de janeiro\fevereiro 1987.

Hoje, podemos afirmar que como principais vitórias do engajamento do COSPAC figuram a compreensão e a identidade adquiridas com a América Latina; as iniciativas de novas entidades como a Associação Brasil Chile Amizade e o Instituto Cultural Bahia/Cuba (ICBC), ambas no início da década de 1990; o aprendizado de lutar sem vínculos partidários e, ao mesmo tempo, sentir fluidez nos contatos que se fizeram necessários.

Esta rica e, atualmente, pouco conhecida trajetória do COSPAC justifica plenamente a realização deste Memorial, em boa hora acolhido pelo Cadernos do Ceas.

Retomando essa trajetória, o Memorial COSPAC pauta a solidariedade internacional através da seleção de alguns relatos de seus integrantes em Salvador, Bahia, sobre suas relações com os países centro-americanos – Nicarágua, El Salvador, México, Guatemala e Cuba –, durante as décadas de 1980/1990. O memorial está dividido em vários temas. Em cada um deles, um/a dos autores/as resgata suas memórias e experiências sobre seus percursos por países da América Central e Caribe, exemplificando parte significativa das atividades realizadas naquele período pelo COSPAC.

Apresenta-se a seguir os textos, identificando os/as autores/as e o conteúdo abordado. No primeiro deles, **“Esperança e desafios da América Latina”**, Emiliano José

aborda a eleição presidencial na Nicarágua em 1990 e a divulgação jornalística durante a III Conferência Íbero-Americana de Chefes de Estado e de Governo (III CUMBRE) nos dias 14, 15 e 16 de julho de 1993 em Salvador/BA.

Em seguida, em **“México: Solidariedade no Continente”**, Israel Pinheiro analisa a importância do país mexicano no exercício da solidariedade internacional e o papel da Universidade Autônoma do México (UNAM) como um espaço dinâmico para debates sobre as lutas políticas da América Central.

No terceiro, **“Memórias de Centro América e a Solidariedade Internacional”**, Lucia Simões descreve as suas percepções da solidariedade latinoamericana, em princípios da década de 1980, durante viagem realizada à Cidade do México/Havana/Manágua/Cidade do Panamá/Bogotá.

Na sequência, em **“Solidariedade em ação: Memórias da presença no COSPAC”**, Fátima Nascimento sistematiza aspectos da sua trajetória pessoal nas lutas pela solidariedade. A autora relembra seus primeiros passos na militância a partir de Vitória (ES) e o caminho que trilhou até chegar em Salvador (BA), destacando a importância do programa **Outra Voz da América** transmitido no Horário Pirata da FM Educadora (IRDEB), como responsável pela sua criação e apresentação em 1987.

No quinto texto, **“Divulgação e Reconhecimento do Trabalho Desenvolvido no COSPAC”**, Roberto Cabús Oitavén cita algumas das atividades públicas realizadas pelo COSPAC e, resgata depoimentos dos representantes do COSPAC na Brigada Brasileira para a Colheita do Café na Nicarágua (publicado nos Cadernos do CEAS em 1987) e a importância dos voos de solidariedade à Cuba.

Por fim, em **“El Salvador: retrato do comportamento das elites e o (de)correr da luta contra a desigualdade na América Central”**, Nildon Pitombo elabora uma síntese da história da luta da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), desde suas origens até o período recente da política desenvolvida em El Salvador.

Os anexos, fechando este Memorial, contém o documento que norteou a ação do COSPAC a partir de 1987: **Unir os Povos Latino-americanos na Luta pela Soberania do Continente** e os Estatutos jurídicos da entidade (1985).

I - ESPERANÇA E DESAFIOS DA AMÉRICA LATINA

Emiliano José¹

Memória e arquivos. Lidar com ela e com eles, 31 anos passados. Desembarquei em Manágua na noite de 24 de fevereiro de 1990. Recepcionado pelo médico nicaraguense Marvin Lund. Ele havia morado durante 20 anos na Bahia. Acomodou-me em uma casa em bairro de classe média, Altamira. Escrevo agora, provocado por Lucia Simões. É um reencontro porque foi ela e demais companheiros do Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central (COSPAC) a me provocar para a ida à Nicarágua. Queriam-me na cobertura das históricas eleições daquele país, a opor o sandinista Daniel Ortega e a direitista, patrocinada pelos EUA, Violeta Chamorro, a ocorrer exatamente no dia seguinte.

O COSPAC conseguiu do **Jornal Tribuna da Bahia** o pagamento de minhas passagens, e tal ousadia do jornal é para não esquecer. Foi um dos meus momentos emocionantes no jornalismo. E de alguma tristeza, também: Daniel Ortega foi derrotado por Violeta Chamorro. A Nicarágua era um dos nossos xodós. A esquerda se encantara com aquela revolução. Daniel Ortega voltou ao poder, e hoje é figura controvertida, embora continue em posição anti-imperialista e sob cerco estadunidense. Os dirigentes da Revolução Sandinista de então esboçaram um caminho novo para o socialismo: economia mista, pluralidade política e não-alinhamento. Derrotados em 1990, respeitaram o resultado. A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) tivera 40% dos votos e era hegemônica na chamada sociedade civil organizada.

Sob os efeitos de uma grave crise econômica, inflação alta, a nova Presidenta esperava ansiosamente a ajuda dos EUA. Em dólares. Não viesse tal ajuda, o caminho de Chamorro deveria ser o da negociação e não o do confronto permanente, como ela havia se habituado. Os sandinistas se mostraram moderados. Apoiariam todas as medidas em favor do povo. Combateriam quaisquer tentativas de mexer nas conquistas da Revolução: reforma

¹ Jornalista, escritor, integrante da Academia de Letras da Bahia.

agrária, comércio exterior, bancos nacionalizados, a integridade do Exército Sandinista, tudo assegurado pela Constituição Nicaraguense.

Deparei com uma imprensa livre. Estamos falando de 31 anos passados. O *La Prensa*, cuja dona era a própria Violeta Chamorro, criticava os sandinistas. O *Barricada*, da FSLN, e dirigido por Carlos Chamorro, filho de Violeta, desanca a direita. Outro Chamorro, Xavier, irmão de Pedro Joaquim Chamorro, assassinado a mando de Somoza em 1978, dirige o *El Nuevo Diálogo*, de apoio ao governo. Televisão, apenas o Canal 6, dos sandinistas.

Povo religioso, o nicaraguense. Constatei. E confirmei: a Igreja Católica então, e creio até hoje, era a cara da antiga Tradição, Família e Propriedade (TFP), nossa conhecida. Foi pilar essencial da vitória de Violeta Chamorro alcançada com mais de 54% dos votos. Nicarágua era então um país com 3 milhões de habitantes, uma superfície de 130 mil quilômetros quadrados. Sandinistas haviam tomado o poder havia pouco mais de uma década: 19 de julho de 1979. Nacionalizaram o comércio exterior, estatizaram os bancos, melhoraram os serviços de saúde, passaram às mãos do Estado todos os recursos naturais e as poucas fábricas existentes e em poucos anos erradicaram o analfabetismo. É importante no presente artigo divulgar registro parcial do discurso de Daniel Ortega na Praça da Revolução admitindo o resultado da eleição extraído de artigo publicado nos Cadernos do CEAS número 127, p.36 em 1990:

Ao lembrar que naquele 25 de fevereiro os sandinistas e o povo da Nicarágua haviam dado uma grande lição de democracia ao mundo, Ortega afirmou que “o grande vencedor destas eleições é a FSLN, que trouxe a democracia a Nicarágua. Sem a Frente o povo da Nicarágua jamais poderia sonhar em eleições como estas”. Assim, revelava o valor extraordinário que os sandinistas dão a democracia, par além do resultado propriamente dito.

E então passou o recado essencial: “Diante desse povo valente, heroico, sacrificado e abnegado quero manifestar nesta praça que temos a plena disposição de respaldar todas aquelas ações que sejam a favor do povo. Porém temos a disposição e a vontade firme de nos opormos e resistir com a força do povo a todas aquelas ações que sejam contrárias à vontade popular. A segurança, a estabilidade na Nicarágua e o desenvolvimento da democracia na Nicarágua estão dadas pelas conquistas fundamentais da Revolução. E essas têm que ser respeitadas. Temos a plena disposição de contribuir para a paz e a estabilidade, sempre e quando não se ameace o povo, sempre e quando não se aja com sentimento de vingança. Neste povo, há poder suficiente para enfrentar e aplastar aos que venham com ânimos de vingança (JOSÉ, E. grifos do autor)

Bela, sofrida América Latina

Dou passos. Três anos à frente. No caminho, o mesmo COSPAC, a mesma *Tribuna da Bahia*. Aconteceria a III Conferência Íbero-Americana de Chefes de Estado e de Governo (III CUMBRE) nos dias 14, 15 e 16 de julho de 1993, em Salvador. À mão, no início de julho, um farto material produzido pelo COSPAC, e a mim dada a tarefa de traduzi-lo em matérias de jornal, outra vez publicadas pela *Tribuna da Bahia*. Foram nove publicações de página inteira, eu obrigado a um trabalho à Graciliano Ramos – cortar, cortar e cortar muita coisa do juntado do COSPAC, tudo de muita qualidade, fruto de densa pesquisa.

Mergulhar na bela e sofrida América Latina. Na matéria de abertura, de 5 de julho de 1993, uma espécie de apresentação, dizendo da presença de tantos chefes de Estado e de Governo, incluindo Fidel Castro, e informando do anfitrião, Presidente Itamar Franco, incumbido de dar as boas-vindas a todos. Nessa matéria, tratava ainda das Resoluções de Guadalajara e Madri, onde aconteceram as primeira e segunda CUMBRES.

Na primeira, deu-se ênfase à solução dos conflitos regionais pela via pacífica, o fortalecimento da democracia, o controle dos crimes e a defesa dos direitos humanos. Tudo muito próximo da Resolução da CUMBRE realizada em Madri, onde se propugnou também uma América Latina integrada, preparada para uma sociedade livre, aberta e pluralista no século vindouro. O convênio de constituição do Fundo para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas da América Latina e das Caraíbas foi assinado na Conferência de Madri, e foi nela também a consagração do ano de 1993 como o Ano Internacional dos Povos Indígenas.

Cuba seria o centro da segunda matéria. Evidenciava só ter sido possível garantir a continuidade da Revolução graças à força do povo. Os EUA fizeram de tudo, desde o início da chegada dos revolucionários de *Sierra Maestra* ao poder, para destruir aquele regime, de matriz socialista. E Cuba resistindo. Veio a queda do Muro de Berlim, e a URSS não ajudaria mais a Ilha. Houve quem apostasse no fim. E Cuba resistiu.

Apesar do recrudescimento do bloqueio, segue resistindo. Neste momento, enfrenta muitas dificuldades. Há uma poção mágica a garantir a resistência: a dignidade da população cubana, sempre afrontando os enormes obstáculos, resistindo à ideia de voltar à situação de antes de 1959, quando a Ilha era um cassino à disposição de magnatas e mafiosos estadunidenses, cercado de miséria por todos os lados.

O terceiro texto ainda abordará a situação de Cuba, evidenciando os passos dados na ampliação da democracia, com a eleição, em 20 de dezembro de 1992, por voto direto e secreto, participação de mais de 7 milhões e meio de eleitores, correspondentes a mais de 97,2% das pessoas aptas a votar, de 13.432 vereadores dos 169 municípios do país. Lembrava-se: na Ilha o voto não é obrigatório.

Em fevereiro de 1993, outro passo: foram eleitos 589 deputados nacionais e 1.190 deputados provinciais, com o comparecimento de 7.842.167 eleitores, correspondente a 99,97% dos aptos a votar, a evidenciar a confiança da população no regime e a vitalidade da vida democrática da nação. Na matéria, a palavra do Antropólogo e Fotógrafo Rogério Ferrari – membro do COSPAC –, aliado da Revolução, de crítica à prisão da poetisa Maria Helena Cruz Varela. Ela cumpriu um ano e meio de pena, e estava em liberdade condicional. Ferrari dizia da existência de problemas com relação às liberdades no país.

Latinos nos EUA

A quarta matéria mergulharia noutra América Latina: aquela residente nos EUA. Os latinos somavam então 25% da população estadunidense, e a eles eram reservados os piores empregos. Homens e mulheres cuja busca incessante de escapar da miséria da América Latina indo para a América do Norte pagava um alto preço, uma vida muito dura. E quando de conflitos entre brancos e negros, latinos pagavam o preço. Em abril de 1992, em Los Angeles, os negros primeiro atacaram os brancos, depois os latinos e asiáticos, tudo por conta da agressão contra um motorista negro, Rodney King, e a absolvição dos policiais agressores. Curioso: os hispânicos, maioria entre os latinos, despejavam os votos em candidatos conservadores, como Bush.

A matéria seguinte encarava a tragédia do Haiti, e bote tragédia nisso – só olhar a situação atual para compreender o quanto aquele pequeno país sofre. Os místicos poderiam pensar em uma espécie de sina, destino, sei lá. Talvez, ainda caminhando em uma visão trágica e mística, seja uma espécie de castigo, proveniente de classes dominantes externas, pela revolução de 1804, liderada pelo ex-escravo Toussant L'Ouverture, quando se proclamou a primeira República Independente da América Latina, primeira revolução negra do mundo. Logo depois, L'Ouverture é assassinado pelo exército francês. Em 1991, o Haiti

experimentara um golpe militar, quando foi derrubado o padre Jean-Bertrand Aristide, e em 1993, depois de muita instabilidade, havia a possibilidade do ex-Presidente voltar ao poder.

Houve ainda, duas matérias, sobre o México insurgente, da revolução de Emiliano Zapata e Pancho Villa em 1910, e os desafios do país nos anos 1980 e 1990, assaltado pela virulência do neoliberalismo. Só uma revolução democrática podia salvar o México, se dizia naquela quadra. A eleição de Manuel López Obrador em 2018 foi um passo naquela direção, não obstante continuem presentes enormes desafios àquela nação, incluindo-se o problema do crime organizado.

Em uma das últimas matérias, perguntava-se sobre se a América Latina valia uma missa. Havia os pessimistas: não valia. O continente estaria num beco sem saída. Sempre há saída, claro. Houve uma saída progressista, depois recuos. E uma tentativa recente, novos esforços pela esquerda, empanados pela vitória da ultradireita na Argentina.

No último texto datado de 15 de julho de 1993, havia a ideia de a união dos países da América Latina ser capaz de pôr fim à crise. A ideia é boa e vem de longe. Mas a diversidade de orientações políticas das nações mostra não ser de tão simples aplicação. Há ainda um longo caminho pela frente para garantir possam os povos da região conquistar unidade e garantir distribuição de renda, o fim da miséria, a soberania dos países. A luta continua.

Referências

JOSÉ, E. "A Nicarágua. A Revolução Democrática". *Cadernos dos CEAS*, Salvador, n.127. maio/jun. 1990. p. 31- 44.

II - SOLIDARIEDADE EM AÇÃO: MEMÓRIAS DA PRESENÇA NO COSPAC

Fátima Nascimento²

No caminho por Solidariedade Internacional. Destino: Salvador (BA)

A solidariedade com outros povos que passavam por situações similares a nossa se organizou nos anos de 1980. Na cidade e Estado de São Paulo surgiram os Comitê Brasileiro de Solidariedade (CBS) aos Povos da América Latina, do Cone Sul, etc³. Comitês que eram formados por ativistas brasileiros e por refugiados de países do continente latino-americano. Atuavam muito próximos ao Comitê Brasileiro de Anistia (CBA) e às organizações de Direitos Humanos. Foi ao participar pela Comissão Justiça e Paz de Vitória/ES, da organização do IV Encontro Nacional de Articulação das Organizações de Direitos Humanos, que me aproximei da causa latino-americana, na medida em que era da equipe responsável pela preparação do evento nacional da qual participavam dois refugiados argentinos, com uma filha e um filho então desaparecidos (e que foram localizados e devolvidos aos pais pela ação das Avós da Praça de Maio).

Formávamos então um pequeno núcleo de Solidariedade aos Povos da América Latina, com o apoio da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Vitória/ES e com o respaldo desta participei de um encontro nacional do CBS no interior de São Paulo, em uma unidade da Universidade de Campinas (ainda me lembro do frio – chegada inesperada de uma frente fria, e do cheiro de fumaça de queimada de cana-de-açúcar). Não localizei registro desse encontro, não sei se há, na verdade. Eram outros tempos. O grupo era pequeno, formado por brasileiros/as e latino-americanos/as, quase todos refugiados.

O assunto girava em torno do contexto regional, da frágil situação dos refugiados no país nos períodos finais da ditadura civil-militar brasileira e da possibilidade de ampliar a

² Advogada, mestre em Políticas Sociais e Cidadania pela UCSAL, consultora associada do ELO Ligação e Organização, e assessora de organizações da Sociedade Civil em todo o Brasil.

³ Fernandes Aló, W. O Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Povos da América Latina-CBS (1980- 1985). V *Jornadas de Trabajo sobre Exílios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*. 2021. Em Memória Acadêmica, disponível em https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.15030/ev.15030.pdf

solidariedade. Do encontro, quase clandestino, ficaram também as lembranças e algumas pessoas amigas para a vida.

Cheguei em Salvador no início de 1985 já com essa relação e logo identifiquei o Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central (COSPAC) como um espaço de atuação e onde, dentre as várias atividades, ressalto a consolidação e a articulação Norte-Nordeste de solidariedade.

A Visibilidade do COSPAC

Quando o COSPAC foi criado, não havia a exigência de indicar no estatuto⁸ o endereço da instituição, apenas a cidade de sua sede. E o Comitê nunca teve uma sede exatamente, se reunindo em espaços emprestados por sindicatos de trabalhadores, associações, faculdades, igrejas, pessoas amigas. Até que o saudoso Pastor Djalma Torres, um dos mais importantes líderes religiosos que Salvador já teve, sabedor de nossa itinerância, ofereceu o templo da Igreja Batista de Nazareth para as reuniões regulares do COSPAC. Essa aproximação ocorreu aos poucos: na época eu era assessora de projetos na Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), o que facilitava a difusão das ações junto às lideranças e espaços religiosos para dialogar sobre a situação e a luta dos povos da América Latina em busca da democracia e da paz no continente. Dentre estas estava a Igreja Batista de Nazareth, comunidade de fé, profundamente comprometida com a transformação social e que dá acolhida e participa em ações pontuais, passou a ser, por muitos anos, a sede oficial do COSPAC.

Somos imensamente gratos(as) a cada sindicato, associação, comunidade religiosa, pessoas que nos acolheram nos 14 anos de existência. Sem esses apoios – que se expressam na prática cotidiana, no ato de ceder espaço seja ele físico, seja em reuniões e eventos particulares, para difundir e solidificar uma causa e confirma a máxima de que a união faz a força – não teria sido possível, durante tantos anos, concretizar a solidariedade de várias organizações, ou instituições soteropolitanas com a construção da autodeterminação dos povos da América Latina, ainda em processo: Associação dos Engenheiros Agrônomos (AEABA), Associação dos Professores Universitários da Bahia (APUB), Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), Coordenação Ecumênica de Serviços (CESE), Clube de Engenharia da

Bahia (CEB), Clube de Cinema da UFBA, Escola de Teatro da UFBA, **Igreja Batista de Nazareth**, Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB

-BA), Sindicato dos Bancários da Bahia, Sindicato dos Professores da Bahia (SINPRO), Sindicato dos Trabalhadores do Ramo Químico, Petroquímico, Plásticos, Fertilizantes e Terminais Químicos do Estado da Bahia (SINDIQUÍMICA), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Matriz do Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Valença/BA, onde, junto ao padre Edegard Silva Júnior, promovemos atividades com religiosos salvadorenses que visitavam Salvador diante de considerável participação comunitária.

A outra voz da América

"Está chegando até você A outra voz da América", um programa dedicado aos povos latino-americanos contra o imperialismo e pela paz", assim começava o programa semanal do COSPAC na Rádio Educadora FM, da Bahia, que durou parte do ano de 1987 e 1988.

Em 1987, Waldir Pires assume o governo da Bahia e tem início um novo momento para a cultura e radiodifusão no Estado. José Wilson Lopes Pereira ou, simplesmente, Zé Wilson, como gostava de ser chamado, assume a direção do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB) e cria uma faixa chamada **Horário Pirata** e a oferece ao movimento popular. Conforme Ayeska Paula Freitas o "grande diferencial do Horário Pirata foi fazer com que as minorias deixassem de ser o objeto do discurso de especialistas letrados e se constituíssem no sujeito de seu próprio discurso".⁴ E lá estava o COSPAC, com o seu "A outra voz da América", entre entidades de classe, associações de bairro e movimento negro.

Em 1987 ainda persistiam algumas ditaduras como as de Augusto Pinochet, no Chile; da Junta Militar em El Salvador, vivenciando guerra civil, como também as campanhas desenvolvidas nas fronteiras pelos contrarrevolucionários ligados à Anastásio Somoza, na

⁴ FREITAS, A. Paula. Os bons tempos da Rádio Educadora da Bahia. 2003. Disponível em INTERCOM. – Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares de Comunicação. XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 26, 2003. BH/MG, 2 a 6 de setembro de 2003. Em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/index_indice_autor.htm Acesso 04/05/2024 às 15h:20min.

Nicarágua, com apoio do governo estadunidense; era uma luta desigual. Nesse contexto, o “Outra Voz da América” juntava-se às muitas manifestações nacionais e internacionais pelo fim dos conflitos armados e pela autodeterminação dos povos latino-americanos.

A programação do mês de setembro de 1987 – pelo simbolismo da data do falecimento do Presidente Salvador Allende, no dia 11, no Palácio *La Moneda*, bombardeado, em Santiago, Chile, em 1973 –, foi toda dedicada à luta do povo chileno.

E dizíamos: A década de 80 está se caracterizando como a década do fim dos regimes militares e de início de processos de democratização na América Latina. Assim aconteceu com a Argentina, Uruguai, Peru, Bolívia, Brasil e certamente acontecerá no Chile. E que, a democracia no continente é uma resposta às crescentes mobilizações movidas pela insatisfação com os regimes autoritários de governo. Se por um lado as aberturas atendem ao anseio dos povos, por outro, faz parte de toda uma estratégia global estadunidense para o continente, na tentativa de evitar radicalizações e o aprofundamento da insatisfação popular.

No que diz respeito à participação do povo brasileiro e de suas entidades representativas no apoio aos trabalhadores chilenos reafirmávamos:

É fundamental que todas as entidades e pessoas solidárias enviem cartas, telegramas e telex ao Governo Brasileiro, mas especificamente à Comissão de Relações Exteriores do Congresso Nacional e Itamarati, a fim de que o Brasil vote na ONU contra a ditadura de Pinochet...o mundo clama: abaixo Pinochet...chega de massacre, chega de morte, Democracia Já!

Todo o programa, em todas as suas edições era permeado por músicas, como as do LP Chile Vencerá, *Yo quero verte* (Tite Fernandez), *La Democracia* (Angel Parra) *Raizes de América*, *Geraes*, as canções de Isabel Parra, Violeta Parra, Pablo Milanez, Silvério Perez; os grupos *Quillapayun*, *Illapu*, *Inti-Illimani*, o Quinteto Portoriquenho. Entre os brasileiros tinha destaque o grupo Tarancón.

Como visto, a Nova Canção Chilena foi bem divulgada. Sucesso entre ativistas no Brasil, como forma de solidariedade ao povo e aos artistas chilenos, marcados pela tortura e assassinato brutal de um de seus principais artistas, como Victor Jara, a prisão e exílio de tantos outros. Um dos programas foi dedicado a um dos trabalhos mais emblemáticos desse movimento a *Cantata Popular de Santa Maria de Iquique*, do grupo *Quillapayun*, que conta a

história do massacre de mineiros e suas famílias, nas minas de Salar, em 1907, no norte do Chile.

Produzido pelo Centro de Radiodifusão do IRDEB, que tinha como suporte na área Selma Capinam, e pelas pessoas que compunham o COSPAC, o programa durou o período da permanência do Governo Waldir Pires e, conseqüentemente, de Zé Wilson à frente do IRDEB. Cumprindo assim o compromisso de ocupação de um espaço democrático com diferentes vozes e sotaques. Esperamos ter contribuído para difundir em toda a Bahia a cultura e as lutas do século XX, dos povos latino-americanos

Referências

FERNANDES, W. "O Comitê Brasileiro de Solidariedade aos Povos da América Latina-CBS (1980- 1985)". *V Jornadas de Trabajo sobre Exílios Políticos del Cono Sur en el siglo XX*. 2021. Em Memória Acadêmica, disponível em https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.15030/ev.15030.pdf

FREITAS, A. P. "Os bons tempos da Rádio Educadora da Bahia. 2003. *INTERCOM*. – *Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares de Comunicação*. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. BH/MG 2 a 6 de setembro de 2003. Em http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/index_indice_autor.htm Acesso 04/05/2024 as 15h:20min.

III- DIVULGAÇÃO E RECONHECIMENTO DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO Cospac

Roberto Cabús Oitavén⁵

As atividades públicas do Cospac ocorreram em inúmeros espaços de Salvador, expressando o amplo apoio e solidariedade que tivemos por parte dos diversos segmentos da luta geral por democracia, liberdade e justiça. Assim foi que realizamos a posse da diretoria do Cospac no Clube de Engenharia da Bahia (CEB) em novembro de 1985, a *Peña Folclórica* na Escola de Belas Artes da UFBA,⁶ em 20 de dezembro de 1986, para divulgar as Brigadas Internacionais de Café, na Nicarágua e, em especial, diversos debates e dias comemorativos no auditório do Colégio Dois de Julho, onde contávamos com o apoio e a participação entusiástica do Reverendo Celso Dourado.

Um destaque em relação aos vários sindicatos de profissionais que nos apoiaram cabe ao Sindicato dos Professores (SINPRO). Foi ele quem nos cedeu um espaço para não só realizarmos nossas reuniões, como também para arquivarmos nossos livros, jornais e material produzido. Durante um tempo, utilizamos o endereço do SINPRO como referência para correspondências até quando nos mudamos para a Igreja Batista Nazareth, em 1985; a descrição do suporte, do acolhimento e da participação que dela recebemos estão muito bem relatados por Fátima Nascimento em seu artigo. A articulação que conseguimos estabelecer, a partir de então, tanto no plano internacional com as representações políticas dos países alvos da solidariedade, quanto no âmbito nacional com as diversas forças progressistas, geraram inúmeros eventos de grande porte e repercussão. Assim, recebemos Ernesto Cardenal, Ministro da Cultura da Nicarágua, em 1987; Ernesto Zelayandia, representante no Brasil da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN), de El Salvador, para o I

⁵ Engenheiro civil, psicólogo e funcionário público aposentado.

⁶ Peña Folclórica é uma atividade cultural nascida no Chile, na década de setenta, com artistas que pesquisam o verdadeiro folclore do povo. A apresentação se dá em locais como circos, casas, cujo objetivo principal é a oportunidade de reunir vários tipos de público: estudantes, operários, profissionais, dirigentes imbuídos de espírito fraterno e sadio. O artista em uma Peña se despe da condição de “estrela” para ser mais um que interage na conversa. Não existem roteiros fixos a cumprir.

Encontro Regional Norte e Nordeste de Solidariedade aos Povos Latino-americanos ocorrido nos dias 1, 2 e 3 de julho de 1988, em Salvador (BA); além de visitas de religiosos salvadorenses⁷ e nicaraguenses.

O trabalho se desenvolveu de tal forma que ampliamos o âmbito de atuação para os processos de libertação e democratização da América Latina em curso. Tanto assim foi que mantivemos a sigla COSPAC, pelo que já representava de reconhecimento público, mas nos auto denominávamos Comitê de Solidariedade aos Povos da América Latina. Um desdobramento disso foi o apoio à formação de um núcleo sobre o Chile que gerou a criação da Associação Brasil Chile na Bahia no início de 1988, como também o Instituto Cultural Bahia Cuba (ICBC), em 1994.

O ponto alto de divulgação do nosso trabalho – em termos institucionais, ou, seja, o Governo do Estado da Bahia, – ocorreu no ano de 1987 durante a gestão progressista de Waldir Pires, quando era Secretário de Cultura José Carlos Capinam, o qual já havia participado e colaborado em diversas atividades anteriores do COSPAC. De início, graças a esse apoio, conseguimos uma pauta no Teatro Castro Alves para uma noite de apresentação do grupo musical *Cutumay Camones*, que era o braço cultural internacional de divulgação da luta da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN), de El Salvador. O outro trabalho desenvolvido foi a transmissão na Rádio Educadora FM do programa semanal chamado “A Outra Voz da América”⁸, no qual divulgamos a realidade e a atualidade da luta dos povos de toda a América Latina por independência, autonomia, democracia e liberdade.

As mudanças econômicas e geopolíticas internacionais ocorridas entre o final dos anos 80 e início dos anos 90, provocaram também modificações na forma de desenvolver a solidariedade latinoamericana. No Brasil, após a promulgação da nova Constituição, em 1988, no ano seguinte, aconteceram as primeiras eleições livres para presidência. E, sequencialmente, vários acontecimentos relevantes se deram na América Latina. Como exemplos destacados tivemos a derrota da Frente Sandinista nas eleições de 1990 na

⁷ Descritas por Nildon Pitombo. *El Salvador: retrato do comportamento das elites e o (de)correr da luta contra a desigualdade na América Central* no presente Memorial.

⁸ Ver Fátima Nascimento. Solidariedade em ação: memórias da presença no COSPAC no presente Memorial.

Nicarágua – com a presença de observadores internacionais, entre estes, o jornalista Emiliano José representando o COSPAC –, a redemocratização chilena naquele mesmo ano, a deposição das armas e incorporação da Frente Farabundo Martí ao processo eleitoral em El Salvador, em 1992, a desmobilização paulatina da Unidade Revolucionária Nacional da Guatemala até assinatura do Acordo de Paz, em 1996. Todos esses eventos estabeleceram um novo cenário.

Apresentamos a seguir duas ações políticas importantes entre várias outras, sob formas de depoimentos: a III Brigada Brasileira para Colheita do Café Zumbi dos Palmares, na Nicarágua, em janeiro de 1987, e o resultado da entrevista concedida pelas empresárias do Porto da Barra Turismo, em maio deste ano, sobre a importância do trabalho pioneiro que desenvolveram com a promoção de voos a Havana, Cuba.

Brigada brasileira para colheita do café em Nicarágua

O café, na época, representava uma das maiores fontes de receita do país, encontrando mercado favorável na Europa e por dois anos consecutivos jovens voluntários brasileiros participaram das Brigadas, característica importante de solidariedade internacional, convivendo com riscos e promovendo resultados. O COSPAC se fez representar por Rogério Ferrari e Dimas Galvão.

A seguir, extratos do artigo *Depoimento. Nicarágua: Uma Brigada para a Colheita do Café: relato da experiência de dois jovens que participaram das brigadas internacionais para a colheita do café na Nicarágua, como ato de solidariedade revolucionária* (CEAS, 1987 p.2).

1. Falar de nossa viagem à Nicarágua é definir um acontecimento histórico em nossas vidas. Quando, ainda, em Salvador, suando para conseguir o valor da passagem, tivemos que responder várias vezes à indagação: por que colher café na Nicarágua? Essa questão de certa forma, revela o desconhecimento da realidade vivida na Nicarágua, como em toda a América Latina, onde o imperialismo americano quer impedir a autodeterminação dos povos. Com essa compreensão resolvemos nos transformar em colhedores de café, apesar de nunca termos realizado esta experiência antes, assim como muitos dos camponeses nicaraguenses

que tiveram de deixar a lavoura pelas fronteiras, para defender a revolução, também nunca tinham manejado um fuzil. Até que cesse a agressão e os camponeses voltem a colher café, produto básico da economia do País, estaremos dispostos a partilhar o feijão e a dispensar o verão da Bahia.

Passamos uma semana em São Paulo, antes de viajar. Era o local acertado pela Coordenação Nacional das Brigadas para o encontro dos brigadistas brasileiros e de estruturação do grupo: informações sobre o trabalho; condições de estadia no campo; e outros informes transmitidos pelos companheiros que haviam participado da colheita de 1986. Além das amizades que já iam se formando nesse tempo, a heterogeneidade do grupo assumia a unidade necessária ao trabalho de solidariedade, de modo que constituímos uma Brigada unitária onde as divergências da política do País ficaram em segundo plano. Constatou também nessa semana uma conversa com o Embaixador da Nicarágua no Brasil, Jorge Jenkins. Já tínhamos formado a Comissão de Cultura, Saúde e Cozinha.

Quando desembarcamos no Aeroporto Augusto César Sandino, havia a nossa espera membros da Juventude Sandinista. No rosto de cada um de nós brasileiros estava estampada a satisfação de finalmente em mais um território livre da América (Rogério).

2. Sob um sol causticante, na carroceria de um caminhão, chegamos à cidade de Matagalpa, a 120km da capital, para depois seguirmos em direção à Unidade de Produção Estatal La Pintada, a fazenda dos cafezais onde deveríamos (CEAS, 1987, p.69) trabalhar. Fomos recebidos pelas crianças, filhos dos camponeses que trabalham na colheita, e duas mulheres. Muita alegria e movimentação para depois nos alojarmos naquele local onde seria a nossa “casa” durante o período de um mês. À noite já, instalados, fomos oficialmente acolhidos pelos trabalhadores, com breve saudação de boas-vindas e uma festa que serviu para um início de integração entre nós e eles. Depois...dormir!

Levantávamos às 4h30 min da manhã. Tínhamos 20 minutos para antes de nos dirigirmos para o refeitório e tomar o café da manhã. Por questão de segurança, fomos divididos em *esquadras* para nossa melhor organização e movimentação diária, considerando que estávamos em um país que sofria ataques e invasões constantes. Essa divisão facilitaria a evacuação, se necessária, como também o trabalho nos cafezais. A ração diária em feijão, tortilhas (massa em formato de pizza feita com milho branco, água e cal) e café nas três

refeições. Durante uns quinze dias tivemos arroz, acrescido no almoço e três vezes carne. Na falta do café, um refresco de milho torrado. Antes de irmos ao cafezal, os informes diários sobre a produção, as informações mais importantes do dia anterior e outros informes gerais. Como instrumento de trabalho, um *canastro* (cesto), que amarrado na cintura, facilitava o corte, dois sacos para a armazenagem diária e outros acessórios pessoais. Conosco estava o pessoal de Costa Rica, França e Estados Unidos, além de adultos e crianças nicaraguenses em grande número (Dimas).

3. A fazenda fica em uma região montanhosa de vegetação exuberante e rara beleza. É uma propriedade bastante extensa, que pertenceu antes da revolução, a um deputado somozista que, após o triunfo popular, fugiu para os Estados Unidos, onde permanece até hoje. Provavelmente é um dos aliados da Contra Revolução. Há café plantado em todo o lugar desde as grotas até as regiões mais altas. Era fantástico ver a paisagem se descortinando à nossa frente, quando colhíamos café nos lugares mais altos. (CEAS, 1987, p.70) O café é plantado em *surcos* e fileiras, mesmo onde o terreno é acidentado. Cada brigadista ficava em um desses *surcos* até que fosse terminado, passando depois para outros e assim sucessivamente somente os grãos *rojitos* (maduros) deveriam ser colhidos para assegurar a boa qualidade do café. Contudo, nos últimos dias de colheita, era feita a repelagem: tirar todo o café restante, verdes, maduros, para posteriormente, em um trabalho cansativo, separa-los.

Um camponês nos orientava o dia todo no trabalho. Recebia o nome de *Capataz*. De sentido diferente ao que recebe no Brasil. A *cobacha* era um barracão de madeira onde ficávamos alojados. Tinha dez quartos com beliches rústicos de madeira. O chão era de cimento e a cobertura de zinco. O vento e a chuva faziam muito barulho. Além disso, privada de fossa, pequeno armazém com produtos básicos a preços acessíveis aos camponeses, creche, posto médico, refeitório, casa de despulpamento de café, tanque de água para lavagem dos grãos e diversas casas de camponeses residentes na fazenda. Ao redor desses locais, havia trincheiras para facilitar a evacuação, no caso de um ataque dos contras revolucionários. (Dimas)

4. Numa clareira no meio do cafezal, costumávamos almoçar. Esse era um dos momentos em que todos se reuniam, brigadistas e camponeses. Meia hora para o descanso e voltávamos a cortar *rojitos* até as 16 horas, momento da medição. Cada um de nós deveria

colher uma média de quatro latas, o que não era fácil, pois colher café exige habilidade e muita resistência física para enfrentar a montanha. Um menino camponês, entretanto, chega a cortar de 9 a 11 latas. Além do resultado da produção do dia anterior, recebíamos do *Cobachero*, o responsável pela *Cobacha* e pela preparação da sopa servida como alimentação complementar, as notícias transmitidas pelo rádio. Trabalhávamos das 6 às 16 horas de segunda a sábado. Restava o domingo para descansar e participar de outras atividades: debates, construção de um parque infantil e a limpeza da área em volta da *cobacha*. (CEAS, 1987, p.71)

Programação de debates: Juventude Sandinista, FMLN, Dirigentes de Cooperativas; Centro Popular de Cultura; da Medicina Popular; representante da Frente Patriótica Manuel Rodríguez, do Chile; mães de Heróis e Mártires da Revolução, etc. Além do mais, explanações por parte de cada Brigada sobre a realidade política de seus países. Numa noite de sábado, em volta de uma fogueira, numa festa chamada por eles de *fogata*, encenações teatrais foram feitas onde cada *esquadra* se apresentava. No último fim de semana de nossa permanência, inauguramos o parque com uma série de atividades para crianças e um grande almoço com carne de *chancho* (porco) e feijoada.

A Unidade de Produção de La Pintada é um dos modelos de organização criados pelo Governo Revolucionário da Frente Sandinista. Feita a Reforma Agrária, que até o ano passado já havia distribuído 6.626.000 hectares (equivalente a 31% de terra em exploração) para 97 mil famílias, muitos camponeses legalizaram as suas terras, enquanto outros foram trabalhar em propriedades coletivas e nas UPE. Estes se organizaram através de cooperativas que se aglutinam em torno da Associação de Trabalhadores de Campo, ATC. A responsabilidade de administrar a UPE é dos próprios camponeses, que por intermédio de cooperativa encaminham a vida política e organizativa de cada comunidade local; por sua vez, a cooperativa submete-se a uma empresa estatal encarregada de definir as metas de produção e de, ao mesmo tempo, juntamente com a ATC e suas cooperativas, administrar os recursos excedentes para empreendimentos que visem a melhoria da qualidade de vida dos camponeses, construindo escolas, postos de saúde, etc.

Este tipo de organização tem como reflexo, na consciência de cada camponês nicaraguense, a certeza de que ele é o principal protagonista do processo revolucionário do País. Convivendo com eles, não só foi possível constatar esse papel, como também identificar

a formação de um novo homem que começa a entender a vida sob a perspectiva do interesse coletivo. É nessa perspectiva que eles trabalham 10 horas por dia, no mínimo, incluindo os sábados. Comendo a ração básica, vestindo-se precariamente, mas sorrindo para a Revolução. Identificam na Revolução a possibilidade real de uma Nicarágua voltada para um futuro de paz, sabendo que para isso teriam que estar armados. (CEAS, 1987, p.72)

Eles próprios, como contou um camponês, se incumbiam de corrigir atitudes contrárias aos interesses de todos, e foi assim em 1985, identificaram uma infiltração dos Contras que usavam um membro daquela comunidade para adquirir informações sobre a organização militar (quantas armas havia) e assassinar os camponeses que se destacavam na UPE, pois, os Contras objetivaram atacar e assassinar, numa emboscada, o dirigente da cooperativa. Descoberto a tempo, os camponeses se mobilizaram capturando o informante depois entregue ao EPS, derrotando a ação dos mercenários (Rogério).

5. Por duas vezes vivemos uma situação de alerta. Isso implica a evacuação da *cobacha*, dirigindo-nos a um lugar previamente estabelecido. A orientação passada por Norman era levar, nesses momentos, não mais os documentos (passaporte) e o mais essencial: o coturno e o agasalho. Nem pensar em lanternas ou velas acesas. Ao primeiro sinal de alerta, do lugar onde estivéssemos teríamos que nos dirigir imediatamente para o local determinado. Na primeira situação de alerta, que não passou de uma simulação, o susto foi generalizado: ninguém sabia o que se passava. A outra vez ocorreu no dia da chegada da Brigada norte-americana, já na última semana de nossa permanência na UPE. Precedido pelo apagar das luzes da *cobacha*, o alerta dessa vez foi para valer e implicou medidas de segurança mais rígidas. Dado o alerta, cada um dos camponeses que diariamente estavam com a gente na colheita, e aí inclui-se os velhos, num breve espaço de cinco minutos tinham sobre o ombro um fuzil. A razão dessa mobilização foi a ocorrência de combates na região de *La Pintada*. Segundo os informes obtidos, um grupo de duzentos mercenários era enfrentado por um efetivo muito superior do Exército Popular Sandinista.

No dia seguinte, Inácio, um dos capatazes, nos indicava os *surcos* tendo o fuzil ao seu lado. Justificava dizendo que era para nossa proteção, e confessava seu cansaço por ter passado a noite em prontidão garantindo a segurança de *La Pintada*. Esse mesmo companheiro, em conversa prolongada, relatou as experiências vividas na fronteira, quando estava prestando o Serviço Militar Patriótico. Dizia-nos ter sentido medo de morrer, quando

por várias vezes, em situações de combate, via as balas passarem raspando por ele. Repudiava a guerra e falava do imperialismo norte-americano como o causador de situações como aquela que o obrigava a deixar a família e o trabalho para empenhar-se na defesa. (CEAS, 1987, p.73) A partir desse episódio até o dia em que partimos de *La Pintada*, os camponeses tinham, além do canastro e dos sacos, a companhia do fuzil (Rogério).

6. Chegamos a Manágua. É difícil traçar um perfil da capital depois do último terremoto, em 1972, que matou milhares de pessoas e deixou o centro completamente destruído. Está localizada às margens do grande lago do mesmo nome numa imensa superfície. O clima é semiárido e a região cercada por planaltos e montanhas vulcânicas, algumas extintas, outras ainda em atividade. Os lagos vulcânicos dão a paisagem uma beleza singular. Na cidade, próximo a um hotel de luxo de um antigo quartel somozista, eleva-se um monte pouco alto em cujo centro há um lago de águas azuis, contrastando com os paredões cinzentos a sua volta.

Manágua é uma cidade atomizada, sem um centro. Não há muitas referências, pois entre um aglomerado e outro pode haver uma razoável distância e muitos terrenos baldios, exatamente onde um dia existiam edifícios. Ainda se registra, como presença amarga do terremoto, edifícios em ruínas, tais como ficaram no dia da tragédia. A falha geológica da região obrigou os administradores da capital a construírem avenidas novas nos arredores da antiga cidade, fazendo-a crescer mais e tornar-se mais dispersa. Os transportes coletivos são precaríssimos, velhos e incrivelmente cheios, o que não deixa a dever aos do Brasil. Por esse motivo, vê-se milhares de pessoas pedindo carona ou criando alternativas, como dotar a carroceria de caminhão com assentos para esse fim. Há sucata por todo o canto, centenas de automóveis sem condições de reparos. Nicarágua é um país pobre em indústria de peças de reposição. Na verdade, há poucas indústrias de qualquer espécie e as que existem não dispõem de tecnologia avançada. Por outro lado, há automóveis importados, principalmente do Japão (Dimas).

7. A capital estava em festas. Era aniversário da Frente Sandinista (25 anos) e muitas atividades estavam previstas para aquele dia. Logo de início, fomos direto ao Memorial Carlos Fonseca na Praça da Revolução próximo ao Palácio Nacional e à Catedral em ruínas desde o terremoto. A homenagem a Carlos Fonseca Amador, Comandante da Revolução Sandinista e Herói Nacional, fundador da FSLN e a participação no desfile de comemoração

ao aniversário da Frente nos emocionaram. Ver o povo nas ruas e a juventude – representada nas mais diversas ocupações de trabalho – desfilar e participar do projeto revolucionário como verdadeiro exército nacional. À medida que chegava ao derradeiro local do ato, o público aumentava e a vibração também. Depois as falas, cânticos revolucionários, as palavras de ordem e o Hino da Frente Sandinista. Os jovens estavam especialmente nas ruas, porque aquele dia estava reservado à juventude trabalhadora.

Ao cair da noite, seguimos para o local de hospedagem de brigadistas de todo o mundo que lá se encontravam. Ficava a 13km do centro de Manágua, dotado de razoável infraestrutura, apesar do racionamento de água e pouca densidade pluviométrica, daí a necessidade de racionamento. (CEAS, 1987, p.74) Aí tivemos vários encontros com gente importante do país, tais como o Ministro de Educação Fernando Cardenal, representantes da FMLN e Combatentes da Revolução. O encontro com Fernando Cardenal foi a grande sensação desses dias. Falou da realidade educacional do país, dos projetos do método (baseado em Paulo Freire), da participação dos cristãos na revolução. No final, um emocionante clamor aos brigadistas lá presentes. Disse que, no caso de uma invasão americana, os nicaraguenses não se entregarão jamais. Frisou que a Nicarágua não aceitará solidariedade formal (cartas, telegramas...) que de nada servirão. *Aceitará, sim, o gesto completo e efetivo de solidariedade, gesto capaz de reverter a situação. Pedem isso não como esmola, mas com autoridade moral de quem teve a coragem de dizer um não à agressão imperialista.* Querem que os jovens do mundo, simpáticos à causa nicaraguense assumam o compromisso como o dos jovens norte-americanos: sair do seu país de origem e combater junto aos nicaraguenses na fronteira, para que os invasores representando os IANQUES jamais entrem! Mais ou menos dessa forma ele concluiu, provocando calorosos aplausos de todos (Rogério).

Relatos como esses fortaleciam a atuação do COSPAC, Os processos políticos internos em cada país passaram a ser dominantes, desfazendo o formato do enfrentamento direto ao imperialismo estadunidense através de movimentos guerrilheiros que necessitavam de apoio internacional. Assim, compreendemos que o trabalho de solidariedade política agora exigia a concentração do foco no principal embate de guerra que ainda subsistia: o criminoso bloqueio contra Cuba, que se tornara ainda mais cruel após o fim da União Soviética em 1991. Em janeiro de 1994 realizamos o primeiro voo de solidariedade

a Cuba com a presença de 38 participantes de diversas áreas econômicas e sociais quando levamos medicamentos e materiais escolares para Cuba oriundos de uma campanha de doação desenvolvida nos meses anteriores à viagem.

Pioneirismo na promoção de voos a Havana, Cuba

Cabe-nos citar no presente texto a importância política e solidária de voos à Ilha estimulados pelos vários movimentos em nosso país. Em uma época em que era difícil o deslocamento até a Ilha, a agência Porto da Barra Turismo dirigida por Emília Salvador Silva e Carmen Calmon de Passos foi a primeira empresa de viagens sediada na Bahia a promover voos a Cuba, enfrentando o bloqueio no campo do turismo, estimulando e iniciando vários voos primeiramente em Salvador e em seguida no Nordeste do Brasil.

Da entrevista concedida, avaliam que o motivo para arriscar Cuba como destino turístico naquele momento – a primeira viagem ocorreu em julho de 1984 – foi o potencial de ampliação do mercado para um público diferenciado que estava atraído por conhecer a Ilha. Mas, para tomar essa decisão, também pesaram razões de caráter pessoal e ideológico.

No início, a viagem era feita via Panamá, Peru e México para os voos organizados, diante do fato político de que não havia relações diplomáticas entre Brasil e Cuba, sendo necessário fazer conexões com companhias aéreas que operavam desde esses pontos para a Ilha. Após o reatamento das relações entre os dois países, em 14 de junho de 1986, durante o governo do Presidente José Sarney, o COSPAC, reforçando a importância de voos como atitude solidária, emitiu uma Carta de Recomendação para a agência se apresentar em Cuba, datada em 04 de dezembro de 1986, que foi encaminhada ao Instituto Cubano de Amistad con Los Pueblos (ICAP) na capital, Havana. Portanto, quatro meses após a permissão oficial para que brasileiros visitassem a Ilha, a empresa Porto da Barra incentivou, promoveu e realizou a organização de grupos cujo perfil principal era de participantes com curiosidade cultural, acadêmica, sindical, profissional liberal, intelectual, político como também, simplesmente turístico. Os quais, por sua vez, demonstravam uma satisfação muito grande tanto pelas visitas turísticas e históricas como pelas experiências enriquecedoras agregadas através de visitas culturais, eventos musicais, congressos e com objetivos específicos, principalmente nas áreas de educação e saúde. O que resultou em 24 grupos que visitaram Cuba entre os anos de 1984 a 1996.

Concluindo, afirmaram que operar com Cuba foi um divisor de águas para a empresa, tendo levado a agência para uma dentre as dez primeiras da Bahia. Algum tempo após

abertura das relações Brasil-Cuba, participou, juntamente com duas operadoras sediadas em São Paulo e uma no Rio de Janeiro, para a implantação de um voo charter pela Cubana de Aviación. Credenciadas por instituições tais como Havana Tour, Palácio de Convenciones e ICAP, a empresa ainda é vista como uma referência quando se trata de viagens à Cuba. Registramos que o Voo de Solidariedade a Cuba ocorrido em janeiro de 1994, organizado pelo COSPAC e composto prioritariamente por profissionais da área de saúde, contou necessariamente com o apoio logístico e operacional da Porto da Barra.

Portanto, foram poucos anos que ensinaram a importância da solidariedade e do combate ao imperialismo a todos os que trabalharam diretamente no COSPAC. E que deixaram um legado permanentemente aos que compareceram, conheceram, apoiaram e fizeram da solidariedade uma ação concreta. Todos os trabalhos feitos certamente deram sua parcela de contribuição às lutas por democracia, independência, justiça e vida digna em toda a América Latina. E agora se vêem consolidados nesse levantamento e registro histórico propiciado pelo Cadernos do CEAS: não é um passado é, em todos sentidos, um presente para as novas lutas e novas pessoas que estão no presente e as que virão.

Referências

COSPAC. "Depoimento Nicarágua: Uma Brigada para a Colheita do Café". *Cadernos do CEAS* n.111. Setembro/outubro. 1987 p.68-75.

IV - EL SALVADOR: RETRATO DO COMPORTAMENTO DAS ELITES E O (DE)CORRER DA LUTA CONTRA A DESIGUALDADE NA AMÉRICA CENTRAL

Nildon Pitombo⁹

Introdução: anotações relevantes

El Salvador é um país da costa oeste da América Central, abrangendo um território com 21.041 km² e densidade demográfica de 319 habitantes por km², o que revela sua característica de país mais densamente povoado da América Latina. Os dados populacionais, com registro censitário de 2019, indicam a população de 6.704.864 de pessoas, das quais 1.809.087 delas concentram-se na área metropolitana da capital, San Salvador, perfazendo 27% da população salvadorenha. Destaca-se o elemento demográfico que traça extratos na pirâmide etária com 14,9% de crianças, 36,5% de jovens com menos de trinta anos (adolescentes e jovens adultos), 35,3% de adultos entre as faixas de mais de trinta e menos de sessenta anos e 13,3% com sessenta anos ou mais na pirâmide etária.

Sua história reúne um desregrado embate pela dominação econômica dos grupos poderosos, desde o remoto período da hegemonia espanhola, que subjugou e controlou o massacre aos povos *pipiles*, indígenas habitantes locais por ocasião da chegada dos espanhóis em 1524. As oligarquias sempre estiveram presentes nos entrecosques com indígenas, população rural e com os setores urbanos e das camadas médias da população, com efeitos correntes da violência social nos conflitos resultantes das lutas pela dominação, ao longo dos tempos. Foi assim no período da produção do anil, corante de tonalidade azul obtido da manipulação de vegetais; igualmente no período da produção do café, que se seguiu à crise econômica da cadeia produtiva do anil, decorrente do fabrico do anil sintético, sob aval europeu.

Nesse estágio do ciclo do café, as elites oligárquicas ditavam as regras para o desaparecimento das comunidades indígenas, com desapropriações e procedimentos de

⁹ Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana cedido ao Governo do Estado, onde foi Subsecretário da Secretaria da Educação do Estado da Bahia (2016-2019), coordenou o Fórum Estadual de Educação da Bahia (2011-2016). Atualmente preside a Câmara de Educação Básica do Conselho Estadual de Educação. Integrou a Comissão de Apoio a El Salvador (CADH) e o COSPAC desde a sua criação e no decorrer da década de 1980.

exclusão social explícitos, chegando ao ponto da presença de 90% dos representantes da oligarquia cafeeicultora na composição dos integrantes do legislativo, no final do século XIX e, o desaforo do financiamento estatal, completo, para a cadeia produtiva do café. Esse quadro aponta para o surgimento e ampliação maciça dos sem-terra, incluídos os indígenas despossuídos e camponeses expropriados das suas terras e, sem embargo, essa trajetória de definição da forma e conduta das elites econômicas da oligarquia salvadorenha resulta na rede de poder centralizado e repressivo, cuja decorrência é a instalação de forte aparato de controle militarizado e gestão focalizada no refreamento ou mesmo cancelamento de direitos.

A depressão econômica de 1929 e o colapso das exportações do café acentuam a intensificação de uma aguda crise de desigualdade social, momento oportuno para a organização dos levantes contra o *modus operandi* da oligarquia na república das elites salvadorenhas, com seu extenso rol de agressões civis, ultrajes e perseguição às lideranças.

É nesse quadro que surgem Farabundo Marti (referência principal da organização popular no combate às mazelas socioeconômicas), e José Feliciano Ama (indígena descendente da etnia *pipil*), no ano de 1932, o líder e organizador da guerrilha dos camponeses indígenas, em meio à desestruturação social oriunda na crise do café e seu retrato da extrema pobreza e exclusão. A resposta do governo foi o brutal episódio contra a população, em 22 de janeiro de 1932, conhecida como *La Matanza*, que culminou na morte do conjunto de 25 mil a 30 mil pessoas, conforme dados estimados pelos pesquisadores da história política de El Salvador, destacando-se a cena dantesca dos cadáveres empilhados nas ruas. Dentre os mortos encontravam-se esses dois líderes, assassinados pelo governo militar em conjunto com outros, como Miguel Mármol e Mário Zapata, legítimos heróis que expressam o combate a uma longa história de abusos, menosprezos e ultrajes executados pelos governos e grupos das elites econômicas aos indígenas, trabalhadores rurais e assalariados urbanos de El Salvador.

Este episódio inspirou a Pablo Neruda, no poema “Martinez” (*Canto Geral*), Neruda retrata a performance totalitária do presidente salvadorenho, que ordenou *La Matanza* e promulgou um decreto pelo qual todo proprietário rural estava autorizado a defender suas terras, incluindo a permissão para assassinato de transgressores da propriedade privada. O

general Maximiliano Hernandez Martinez também é responsável pela farsa do julgamento militar de Farabundo Marti e o seu consequente fuzilamento em fevereiro de 1932.

Em 1934, o governo estadunidense intensifica seu poder político no apoio à vitória do general Maximiliano Hernandez Martinez nas eleições fraudulentas, que governa o país com mão de ferro, entre 1935 a 1944, inaugurando uma sequência de governos militares que se expande até o ano de 1980; enfatiza-se que este mesmo general esteve envolvido em um intrincado jogo de golpes, desde 1931, ademais do etnocídio de *La Matanza*,

Surgimento da Frente Farabundo Marti para a Libertação Nacional (FMLN)

Contudo, importa assinalar a constituição da Frente Farabundo Marti para a Libertação Nacional (FMLN), em 10 de outubro de 1980, uma coalizão destinada a unificar cinco organizações distintas existentes no país, com a finalidade de articular movimentos de defesa da ordem democrática, da eliminação do fosso profundo das desigualdades sociais e da salvaguarda dos direitos sociais, com reafirmação da democracia como estatuto indispensável para o exercício do poder político pelos governos fraticidas, ao curso da história salvadorenha. Estas organizações revelavam múltiplas formas de inserção nos movimentos sindicais, estudantis, religiosos, partidos políticos, de mulheres mobilizadas pela luta política, de lavradores e trabalhadores rurais que congregavam diversos segmentos da luta campesina; também mostravam maneiras diferentes de atuação nos territórios urbanos e rurais. São exemplos dessa teia de representações: o Bloco Popular Revolucionário (BPR), a Frente de Ação Popular Unificada (FAPU), as Ligas Populares 28 de Fevereiro (LP-28), a União Democrática Nacionalista (UDN) e o Movimento de Libertação Popular (MLP).

Sua denominação refere-se ao líder histórico da esquerda salvadorenha, Farabundo Marti, fundador do *Partido Comunista Salvadoreño*, com uma trajetória de atividades radicais e longo trabalho de organização política, que expressavam a contestação popular na dimensão de uma organização partidária, mas que, ao mesmo tempo, assimilava a pretensão do reforço aos seus enfoques programáticos e protagonismo para outros agentes da sociedade, que não apenas as lideranças clássicas da matriz do Partido Comunista, vista como instância da movimentação das forças políticas. Daí o reconhecimento popular das suas formas de ação identificadas com o perfil da luta armada, de natureza insurrecional, com

objetivo da libertação nacional das agruras da repressão militar, instalada sob apoio de governos dos Estados Unidos dentre os anos trinta e quarenta do século XX, com aprofundamentos sucessivos até os acordos de paz, sob mediação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1992, quando se encerrou a guerra civil que durou doze anos e deixou a marca de setenta e cinco mil mortes.

O momento da fundação da FMLN ocorre sob a memória do assassinato brutal do Arcebispo D. Oscar Romero¹⁰, durante o ato de Celebração da Eucaristia, em 24 de março de 1980, na pequena Capela de um hospital de tratamento do câncer, em San Salvador. Também, sob o vestígio do cenário da greve geral de 48h, deflagrada nos dias 24 e 25 de junho de 1980, intensificando a união popular contra o totalitarismo de décadas de governo intensamente identificado com o perfil da militarização e sua doutrina repressiva, ajustando-se à sinalização para uma unidade necessária. O registro disso manifesta-se no silêncio das ruas, em 10 de outubro de 1980, em face das toneladas de panfletos que tomavam as calçadas, as pistas e as entradas dos prédios, silêncio que se prolonga por meses e denota o retorno das expectativas de melhoria de vida, de caminhos políticos renovadores para a vida democrática, do reordenamento institucional, do anúncio da nova ordem cidadã e da possibilidade da paz civil.

A conspiração para assassinar Oscar Romero revela o intrincado jogo entre magnatas empresariais e comandantes militares salvadorenhos, sob tutela estadunidense no controle do financiamento dos esquadrões da morte em El Salvador. Um dos conspiradores – Álvaro Saravia –, comparsa de líderes do partido governante (ARENA), reconhece a sua participação e sublinha o papel de líderes oligarcas e militares no planejamento do assassinato. No

¹⁰ Em *Assassination of a Saint: The Plot to Murder Óscar Romero and the Quest to Bring His Killers to Justice*. Califórnia: Editora da Universidade da Califórnia, 2017 (*Assassinato de um Santo: a conspiração para assassinar Oscar Romero e a busca para levar seus assassinos à justiça*), Matt Eisenbrandt e Benjamín Cuéllar revivem estes fatos a partir do depoimento de um dos responsáveis. O caso foi reaberto pelo Center for Justice and Accountability (CJA), uma organização internacional de direitos humanos, fundada em 1998, com sede em San Francisco, na Califórnia. Ao descobrir que um dos conspiradores – Álvaro Saravia –, vivia na cidade de Modesto, também situada na Califórnia, Estados Unidos, o CJA promoveu o reexame do processo e sua retomada, no intuito de desvendar a trajetória dos mandantes do crime, por sinal, única situação investigativa ao longo de quase quatro décadas, fora de El Salvador.

Em 2010, a ONU estabeleceu a data de 24 de março como o Dia Internacional pelo Direito à Verdade acerca das Graves Violações dos Direitos Humanos e à Dignidade das Vítimas, em reconhecimento à atuação de Dom Romero em defesa dos direitos humanos. No Brasil, a Lei Federal nº 13.605/2018 reafirma o pressuposto da ONU.

processo formal da canonização de D. Romero, em 2018, já sob o Pontificado do Papa Francisco, o argumento do seu martírio preponderou, a despeito das inúmeras pendências no processo legal nas vias jurídico-institucionais de El Salvador, há 44 anos.

Portanto, a FMLN surge em um momento de muita esperança pelo restauro da ordem democrática, sob as consequências amedrontadoras das distorções do golpe militar de 1979 que, de um lado sinalizava o término da tirania instalada desde 1944, mas que, ao mesmo tempo, reiterava o modelo sanguinário de perseguição aos oponentes e de implacável desprezo pelas memórias históricas que acentuavam a luta do povo e seus heróis. Assim, em 22 de janeiro de 1980, no 48º registro do aniversário do episódio de *La Matanza*, duzentas mil pessoas se reúnem em San Salvador. Esse fato foi considerado uma afronta pelo governo da junta reformista instalado após o golpe de 1979, em que pontua o Arcebispo Metropolitano de San Salvador, D. Oscar Romero, como porta-voz da Igreja Católica no enfrentamento político aos agravos do governo à cidadania da população. Em março deste mesmo ano, o mundo fica perplexo com seu assassinato, com tiro certo no coração, por atirador de elite.

O contexto do surgimento da FMLN traduz os indícios pela busca de soluções para a vulnerabilidade das instâncias que conduziram inexoravelmente à guerra civil, cujo término se dá com o pacto de 1992, bem como na revelação das contradições inerentes ao longo processo de organização popular, expressão de um enorme esforço coletivo de unidade política, arrebatado pelo traço da luta contra a pobreza e contra a violência institucional, que registrava o comportamento das classes dominantes da sociedade salvadorenha, no sinistro predomínio dos atos de decapitação e mutilação das pessoas, usados como mecanismo social do terror.

Assim, a FMLN assume a fisionomia de partido político formal, mas governa El Salvador apenas por dois mandatos: Maurice Funes (2009-2014) e Salvador Céren (2014-2019). Não obstante, de 2019 a 2024, ante as contradições e problemas presentes nos governos desta Frente, entra em cena o controvertido Nayib Bukele (do partido de direita

Gran Alianza por La Unidad Nacional (GAN), propenso a malabarismo institucionais perante a Constituição Salvadorenha.¹¹

A expressão da catástrofe social e da violência que marcam a história de El Salvador são sublinhados no poema de Pablo Neruda:

"Martínez, o curandeiro
de El Salvador, reparte frascos
de remédios multicores,
que os ministros agradecem
com prostração e salamaleques.
O bruxinho vegetariano
vive a receitar em palácio
enquanto a fome tormentosa
uiva entre os canaviais.
Martínez então decreta:
e em poucos dias vinte mil
camponeses assassinados
apodrecem nas aldeias
que Martínez
manda incendiar
com ordenações de higiene.
De novo em palácio retorna
a seus xaropes, e recebe
as rápidas felicitações
do embaixador norte-americano.
'Está assegurada', lhe diz,
'a cultura ocidental,
o cristianismo do Ocidente
e ademais os bons negócios,
as concessões de bananas
e os controles alfandegários'.
E bebem juntos uma longa
taça de champanha,
enquanto cai
a chuva tépida nos pútridos
agrupamentos do ossuário¹²".

A arte reafirma seu espaço de revelação concisa, inquestionável. Esse poema perfila o contorno da denúncia e do espanto ante o desprezo pelo reconhecimento das relações e significados do ato de compreender a humanização, no conjunto do tecido social. A história

¹¹ Em passado recente, em 2017, a FMLN havia expulsado Nayib Bukele, por decisão do seu Tribunal de Ética, em razão de transgressões à carta de princípios e condutas personalistas no trato do exercício do poder institucional, como prefeito da capital, San Salvador.

da América Latina, nesse particular, está repleta dessas imagens e sua força de imposição para o entendimento sobre o comportamento das elites dominantes.

Em El Salvador salta aos olhos o evento *La Matanza*, o assassinato de D. Oscar Romero e a invisibilidade dos povos remanescentes da etnia *pipil*, que vive da agricultura de subsistência em terras arrendadas, que deixaram de falar suas línguas ancestrais e abandonaram suas identidades culturais.

Torna-se impossível não fazer referências a Roque Dalton (1935-1975), poeta salvadorenho, um dos seus expoentes da duradoura fase das bravas insurgências populares. Essa menção se dá na exata medida da sua firmeza em atribuir às letras seu caráter transformador, pelo qual o contexto das lutas converte versos em instrumentos para o enfrentamento do cotidiano, operacionalizando a crítica às injustiças, às possibilidades de construção de caminhos diferentes das anomalias que o descaso, a repugnância e o vilipêndio colocaram na meta de eliminação dos direitos das pessoas. Seus poemas de protesto fizeram dele um poeta perseguido e hostilizado – até no contexto interno do seu grupo revolucionário. Mas, ele foi um ativista da defesa da liberdade individual, contra as formas opressivas do domínio de uma nação sobre outra, a favor da presença do Estado em prol do bem-estar dos indivíduos, sem quaisquer resquícios de intolerância ou submissão. Os versos seguintes exprimem seus sentimentos e expectativas:

*Sólo has visto dolor en tu llegada.
Dolor en los cañales explotados
sobre el dolor de tus hermanos;
dolor en las palabras en secreto,
dolor
en las lagunas y los pájaros;
dolor em la palabra incomprensible del caporal extraño,
dolor en sus patadas, en sus insultos, en sus manos ladronas.*

Há outras linguagens da arte que também retrata a situação de El Salvador, a exemplo do filme “Salvador: O Martírio de um Povo”, de 1986, do cineasta estadunidense Oliver Stone, com objetivo de denotar a desairosa política de intervenção dos Estados Unidos, no controle das ditaduras latino-americanas. No filme, o cineasta debruça-se sobre as implicações do partido *Aliança Republicana Nacionalista (ARENA)* no assassinato do Arcebispo de San Salvador, em março de 1980, num complô conduzido pela liderança repulsiva do deputado Roberto D'Aubuisson, considerado como comandante dos esquadrões da morte, com ações

que proporcionaram a morte de milhares de cidadãos salvadorenhos durante a truculenta guerra civil, com apoio de sucessivos governos dos Estados Unidos, como os de Jimmy Carter (1977 a 1981), Ronald Reagan (1981 a 1989) e George H. W. Bush (1989 a 1993).

Assim, esses três exemplos distintos entre si estratificam circunstâncias pelas quais a situação de El Salvador encontra-se retratada por diferentes contextos e linguagens, popularizando o testemunho de uma luta desigual travada pelo povo salvadorenho, na aguerrida batalha contra a exploração, o empobrecimento e a decaída oriunda dos anos de opressão e arbitrariedades. Esses registros das manifestações feitas pela arte anunciam a importância da luta do povo salvadorenho, igual que tantos outros, pelos caminhos da história da humanidade no afã de apontar as assimetrias entre o exercício do poder estatal por governantes e seus efeitos nos indicadores multifuncionais da pobreza e da miséria social.

El Salvador sob Nayib Bukele

Desta forma, mais do que nunca, cabe revelar o contorno de atuação do governo Nayib Bukele como continuidade da repressão às camadas mais à margem das estruturas sociais, identificadas no contexto da realidade atual com a governança criminal, sempre contraposta à governança estatal. O perfil deste governante é sempre o mesmo, dentre os ditadores que assombraram o povo salvadorenho, traduzido pela manifestação da redução extrema dos direitos humanos, em uma amostra de pendor pelo lado das vontades das elites que vociferam na defesa dos seus privilégios e conclama à barbárie e petrificação dos mínimos valores da humanização.

A situação sempre tem reflexo na história da humanidade, em muitos dos seus tempos, sobremaneira à implacável e ininterrupta perseguição dos cristãos pelo poder romano, por durante duzentos e oitenta anos; igualmente, nos fatos da chacina de dois mil mineiros na cidade de *Iquique*, Chile, em 1907, retratada de modo magistral pelo grupo musical chileno *Quilapayun*, na Cantata de Santa Maria de Iquique, gravada em 1970¹³; da mesma maneira, nos fatos que resultaram no bombardeio da cidade de *Guernica*, na

¹³ Ver, neste Memorial, texto de Fátima Nascimento sobre o programa “A Outra voz da América”, apresentado pelo COSPAC, no Horário Pirata do Instituto de Radiodifusão do Estado da Bahia (IRDEB), em 1987.

Espanha, e sua destruição completa, que Picasso simbolizou na sua obra exemplar; de igual natureza o massacre de *El Mozote* (vila dentro do Departamento de Morazan, localizado na área nordeste do país) em dezembro de 1981, com novecentos e oitenta e oito civis mortos numa operação de contra-insurgência, treinada pelos Estados Unidos, que deixou o tétrico quadro de esqueletos de corpos carbonizados sob escombros de casas incendiadas; e, agora recente, no conturbado procedimento do conflito geopolítico israelo-palestino.

Nestes cinco casos, os registros dos desrespeitos aos direitos humanos são descomunais, muito embora sempre se localizem estatutos jurídicos que reverberam modelos de proteção aos delitos praticados. Mas, mesmo assim, as violações encobrem atrocidades, barbaridades e brutalidades. Não é, pois, diferente no caso do governo de Nayib Bukele, de modo especial quando se focaliza o episódio da criminalização da tatuagem, onde a regra é a do poder absoluto, pelo Estado, sobre o corpo dos indivíduos e que, nesse delírio de controle, se constrói prisões e masmorras.

A situação de El Salvador parece não ter sido desassombrada do seu passado. A forma de gerenciar a estrutura dos privilégios, desde o começo da saída colonial da hegemonia espanhola até os dias recentes, intenta vislumbrar uma solução para o contexto do uso da terra, para o resgate da ancestralidade indígena, para a definição de pilares que equilibrem a esfera do ordenamento do trabalho e seus elos com as relações de produção econômica, para a consolidação de passos jurídicos que sustentem as liberdades individuais e deem indicadores que revelem a distribuição da riqueza econômica para a totalidade da população e, ao mesmo tempo, de projetos e programas para supervisão da sustentabilidade ambiental, com as adequações às condições agroambientais.

As referências estatísticas apontam a manutenção da desigualdade e os dados do sistema de educação sublinham essa contradição: a taxa de assistência escolar no ensino médio não alcança a metade da população em idade escolar de 15 a 17 anos, aproximando-se de 45%, diferenciando-se em cerca de 60% na oferta de regiões urbanas e, tão somente, cerca de 30% nas zonas rurais.¹⁴ A distorção idade-série, que mostra o perfil de assistência escolar fora da faixa etária destinada à escolarização obrigatória é de 41% para o ensino

¹⁴ Informações do site da AFP <<https://exame.com/autor/afp/>>. Acesso em 07.6.2024, 10h25min.

médio, revelando, as inconsistências e incompletudes, seja na cobertura da faixa etária, seja na inclusão daqueles que estão na defasagem idade-série, o que representa o quantitativo explícito de jovens em idade produtiva sem a proteção social da escola. Isso oportuniza a formação de grupos de jovens sem ocupação ou até mesmo sem expectativa de inclusão nos mecanismos sociais de participação social, advindos do efeito-escola na formação da juventude.

Desta maneira, são, pois, duplamente punidos: pela ausência da escola ou sua cobertura incompleta e, na visão do Partido de direita *Gran Alianza por La Unidad Nacional* (GAN) do atual Presidente Nayib Bukele, pela qual as milícias se constituem de pessoas que “exercem” o satanismo, conforme suas declarações recentes,¹⁵ exibindo o argumento que “pacificar o país foi um milagre” (*sic*).¹⁶ O abandono social, a falta de espaço nas fronteiras da ordem social e seu sistema de empregos, salários e mão de obra minimamente qualificada, ficam escondidas sob as chusmas do velho argumento da inquisição e suas regras de fio condutor para os julgamentos dos acusados, com seu rigor tautológico para não se escapar do veredito.

Para outra lógica que se distancia do simbolismo dos cárceres da inquisição, bem mais verossímil, é a da necessidade de rever o sistema educacional, atentar para seus desafios, lacunas e dilemas, estabelecendo-se o nexo entre formação para o trabalho e seu lugar na cadeia de produção das riquezas sociais e econômicas, com o imprescindível corte entre a apropriação das forças produtivas e sua redistribuição social entre todos, como idealizava Roque Dalton nos seus poemas. Ademais, os dados continuam a revelar o nível sistemático de analfabetismo em todas as divisões territoriais, acima de dois dígitos, exceto San Salvador, capital do país, e três municípios aglutinados a sua área de abrangência.

Não surpreende que em todos os municípios a taxa média abrange a escala de 10,4% a 16,8% da população analfabeta, a rigor, com o predomínio das pessoas de 60 anos ou mais, das zonas rurais, na incidência de 45,7% de analfabetismo. Isso significa que essas pessoas se situam fora da cidadania formal pela via do caráter inclusivo do sistema educativo, espalhadas por regiões rurais com o baixo padrão de planejamento estratégico para as

¹⁵ Conferir <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/nayib-bukele/>>. Acesso em 10.6.2024. 14h59min

¹⁶ Cf. o portal <terra.com.br/noticia>, do dia 07.06.2024.

inserções no sistema produtivo. Há muito mais para ser feito, em instância de planejamento governamental, do que atribuir aos grupos sociais dos abandonados, à sua sorte, o papel demoníaco no tratamento das labutas pela sua visibilidade social, pelo direito à inclusão na trajetória da produção nacional e pelo respeito à humanização de todos os sujeitos.

É esse o (de)correr da luta em El Salvador!

Esse texto indica a intencionalidade de perscrutar a memória do Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central (COSPAC), quando iniciou sua trajetória de mostrar à sociedade baiana o exercício da sua missão política na denúncia sobre a aberração dos desmandos das elites de El Salvador. Assim o fez em diversos momentos diferentes, nos anos da década de 1980, em diferentes lugares: em espaços acadêmicos universitários; nos palcos de teatros (no Teatro Vila Velha, com produção de Ary da Matta e coordenação cênica de Sérgio Farias, em 1981); em jornadas estudantis em universidades baianas, com montagem da Cantata de Santa Maria de Iquique, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); em cultos ecumênicos como os realizados na Igreja Batista Nazareth, em memória de D. Romero, retratado pelo Jornal Tribuna da Bahia, em 30 de março de 1988; em palestras proferidas sobre o papel da Igreja Popular de El Salvador, no Clube de Engenharia da Bahia, em 1984, com a presença do Secretário Pastoral da Arquidiocese de San Salvador, o Padre Astor Ruiz; também neste mesmo local, a realização do debate sobre a América Central em Foco, com a presença de Roberto Codas, com data não identificada; no átrio da Igreja da Piedade para relembrar a força das lutas pela liberdade civil do povo salvadorenho e suas repercussões de grande alcance, com data não identificada, com a leitura do poema *Yo pisaré las calles nuevamente*, do artista cubano Pablo Milanés e o trajeto universal dos anseios pela liberdade humana; de igual forma, a realização da Conferência “El Salvador e o Processo de Transformação Social”, com a Profª. Gloria Minero em 1983, no Clube de Engenharia da Bahia; a realização no Teatro Castro Alves para a apresentação musical do grupo *Cutumay Camones*, de profunda identidade com a FMLN, em 1987.

As decorrências revelam o ideal do engajamento: a vivificação das colagens de memória das identidades do COSPAC, suas vinculações com a história de El Salvador e a exposição da brutalidade política de seus governantes sob aval de governos estadunidenses prepotentes e despóticos no trato da liberdade civil na América Central. Pode-se fazer um

paralelo do texto com o livreto de Roque Dalton, *Las historias prohibidas de Pugarcito*, pelo qual ele difunde um “painel” literário em que a história é o pano de fundo para o traçado da exploração econômica, a estupidez da criminalização dos indivíduos e para o desenho da injustiça disforme, colossal e monstruosa. A diferença está no fato que o texto, do COSPAC, não é de literatura: é a descrição da concretude da pugna, das contendas, dos enfrentamentos e da tenacidade da batalha pela liberdade. Mas, não por isso, o registro de uma homenagem do COSPAC à história e ao povo salvadorenho.

REFERÊNCIAS

DALTON, R. *Las historias prohibidas de Pugarcito*. Espanha: Siglo XXI de España Editores, S.A.; Primera edición, 1974. Duodécima edición, 1999.

DALTON, R. *La ventana em El rostro*. San Salvador: Libreria UCA, Dolor Antiguo. 1996.

EISENBRANDT, M. e CUÉLLAR B. *Assassination of a Saint: The Plot to Murder Óscar Romero and the Quest to Bring His Killers to Justice*. Califórnia: Editora da Universidade da Califórnia, 2017.

NERUDA, P. *Canto Geral*. Poema Martinez (1932), Canto V – A areia traída. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 2010.

V – MEMÓRIAS DE CENTRO AMÉRICA E A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Lucia Simões¹⁷

Em 1981, decidi satisfazer a curiosidade que sentia por conhecer a América Central: Continental e a Insular. Assim eram as denominações da época. Naquele momento para mim, a insular representada por Cuba – único território das Antilhas independente das influências dos colonizadores europeus e dos governos dos Estados Unidos, no Arquipélago constituído por ilhas, ilhéus sob formas de possessões, departamentos ou similares – e a continental pela Nicarágua e pelo Panamá. Considerada como formação geográfica de um Istmo, esta região adquiriu um relevante significado geopolítico. Por isso mesmo, a ela se pode aplicar a citação de Ruy Moreira (1981) referindo-se à passagem do capitalismo ao imperialismo no final do século XIX: *o nascimento do imperialismo traduzir-se-á no plano político internacional, como intensa luta entre potências imperialistas pela divisão dos continentes em "zonas de influência"* (p.7). E assim aconteceu com um istmo dividido em sete países que compõem a América Central continental: Guatemala, Belize, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá. A história de ocupação foi marcada principalmente pela Espanha e Estados Unidos que recortaram e estabeleceram os seus limites e fronteiras definindo pretensamente as "suas" zonas de influência e de domínio.

Durante o período no qual realizei o curso ginásial, entre 1961 a 1964 (hoje Ensino Fundamental) as denominações desses territórios dadas pelos colonizadores que constavam nos livros de Geografia e de História adotados na época me chamavam atenção, tais como Honduras (cuja explicação é a *fundura* das águas marinhas, que dificultavam a ancoragem das embarcações espanholas); e da Nicarágua cuja denominação derivava da composição do nome da nação indígena *Nicaraó* com os dois grandes lagos existentes. Traduzido romanticamente como *Águas de Nicaraó* (DIBO, 1969). E, nas Antilhas, o nome Cuba, por ser considerada *Ilha Grande* pelos colonizadores. O sentido referente a Honduras perdura até

¹⁷ Dra. em Geografia (UFF), geógrafa aposentada. Ativista social suprapartidária desde 1975 e coordenadora deste Memorial.

então. Em termos turísticos, a Nicarágua, hoje é o *País das Águas* divulgado amplamente nas redes sociais; e o de Cuba apresenta variações e entre estas, figuram: *Ciba*, que significa "pedra, montanha, caverna"; *Cohiba*, que os nativos *Taínos* supostamente usavam quando se referiam ao território. E *Cubanacan*¹⁸ que significa "lugar de centro". Observa-se que dois desses vocábulos – *Cohiba* é a marca do charuto produzido em Cuba e exportado para vários países e *Cubanacan* música de Moisés Simons (1889-1945)¹⁹ gravada em 1936, muito conhecida no Brasil, cantada entre outros por Ney Matogrosso. Portanto, ambos incorporados desde então à cultura cubana.

Ao prosseguir com um afeto que foi evoluindo e, ao estudar na universidade (1970-1973) a importância das culturas pré-colombianas no continente, aprendi que nos atuais territórios da Guatemala, Honduras e Belize, os Maias desenvolveram a sua cultura que seria gradativamente excluída e violentada durante a ocupação e domínio espanhol. A primeira se tornou independente da Espanha em 1821 e a segunda denominada Honduras Britânicas durante o período de 1798-1968 que, a partir de então, passou a integrar a Comunidade Britânica das Nações com o nome de Belize, principal rio do mesmo nome que deságua no Mar do Caribe derivado da palavra *balis*²⁰ em língua Maia.

Quanto ao Panamá, que se tornou parte da Grã-Colômbia²¹ em 1821, permaneceu como um departamento da República da Colômbia até 1903, quando se tornou independente. Fato provocado pela aquisição pelo governo dos Estados Unidos dos direitos de construção a uma empresa francesa – responsável pela construção do Canal de Suez, no Egito –, que iniciou as obras em 1881 para instalar um projeto de engenharia de um canal interoceânico para encadear as águas dos Oceanos Atlântico e Pacífico. Por ser incompatível com as condições dos terrenos, como também em consequência das mortes de um número considerável de trabalhadores devido às dificuldades de adaptação às condições climáticas da área, os referidos direitos foram vendidos. No mesmo ano, a sua obra é iniciada e em 1914 o Canal é inaugurado quando os Estados Unidos reconhecem oficialmente a independência

¹⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch>. Acesso em 19/05/2024 às 16h20min

¹⁹ Disponível em <https://www.bbc.com/international-36630446>. Acesso em 21/06/2024 às 13h12min.

²⁰ Wikipédia. Enciclopédia Livre. Acesso em 19/05/2024 às 17h15min

²¹ ESTANISLAU, L. "Em Tempo um jornal para enfrentar a ditadura de modo contundente". *Democracia Socialista*. Disponível em: <https://democraciasocialista.org.br/category/quarenta-anos-ds/> Acesso em 20/05/2024 às 09h e 25min.

panamenha, estabelecendo, no entanto, a **Zona do Canal** sob sua jurisdição, instalando uma base militar para controlar/administrar esse complexo interoceânico que diminuiu as distâncias nas rotas de navegação, do qual seria o principal país beneficiado. Os EUA ofereceram em troca recursos financeiros sob a condição indenizatória.

Várias consequências aconteceram em repúdio a esse desrespeito ao povo panamenho e “a partir de 1959 uma onda crescente de desentendimentos entre a população panamenha estudantil e os EUA desencadeou-se, alegando a devolução da Zona do canal ao Panamá” (DIBO, 1969 p.119). Um acordo foi assinado em 1977 pelos presidentes Omar Torrijos e Jimmy Carter, estabelecendo que o Canal deveria ser devolvido ao Panamá em dezembro de 1999, passando a administração panamenha a assumir a Zona de forma conjunta com a norte-americana (COSPAC, 1990).

Pode-se, então, estabelecer uma correlação das ações da França para construir os dois canais (Suez e Panamá) e o intrincado jogo de poder exercido pelas autoridades francesas indicadas por Eric Zencey (1996). O canal de Suez percorre exclusivamente terrenos egípcios, entre Port-Said nas margens do Mar Mediterrâneo e Suez, localizado no Mar Vermelho, que favoreceu as rotas comerciais de países da Europa e dos Estados Unidos, causando uma crise internacional. Já o estabelecimento da Zona do Canal do Panamá, decorrente da intervenção estadunidense descritas por Jose de Jesus Martinez, poeta, dramaturgo, filósofo e ex-assessor do presidente Omar Torrijos Herrera, provocou as insatisfações dos panamenhos, liderados pelo presidente e general Omar Torrijos (1968 a 1981), que se expressou após a decisão do Senado estadunidense sobre os novos Tratados. Conforme Martinez (1987, p.213), o presidente afirmou a sua decisão de lutar pela liberação do canal até sair o último soldado yanque de nossa pátria “Torrijos sabia que no llegaría a esse año dois mil, eje fundamental de los Tratados, en el que o Canal debe revertir completamente a Panamá y salir de nuestra pátria el último soldado yanqui”.

Hoje, ao preparar este texto, reflito sobre o que me moveu a empreender essa viagem: o livro *A Ilha (Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro)* de Fernando Moraes, lançado em 1976, uma das primeiras publicações que revela o cotidiano de um país que passou por um processo revolucionário em nosso continente, enfrentando vários tipos de dificuldades; as edições dos Jornais *Movimento* (1975-1981) e *Em Tempo* (1977- 2004), ambos vanguardistas na luta pela Anistia e pela redemocratização do país. Uma das capas do

segundo, era o mapa estilizado da *Nicarágua Livre* (1980) com seus dois maiores lagos localizados na área oeste perto do complexo montanhoso. Parecia um convite. Além do contato com esses veículos, quando decidi visitar Nicarágua e Cuba o principal e mais consistente motivo foi a militância que desenvolvi nas lutas pela anistia aos presos e a volta de exilados políticos, dentro da perspectiva de liberdades democráticas no Brasil nas entidades então denominadas: Movimento Feminino pela Anistia Bahia (MFPA/BA), participando da mobilização de mulheres lideradas por Terezinha Zerbini em várias capitais do Brasil (1975-1976); do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA/BA), quando definiu-se a bandeira pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, a continuidade da luta aliada a outras reivindicações populares (1976-1980); Comitê de Anistia e Direitos Humanos (CADH/BA), cujo objetivo principal era o esclarecimento das mortes e do destino dos desaparecidos (1980-1981). O sentimento de solidariedade esteve embutido em toda a trajetória na medida em que as ações desenvolvidas se baseavam no sentimento coletivo de amizade, respeito e até mesmo de orgulho além dos objetivos principais do movimento. Entre estes, as visitas periódicas aos presos políticos no Forte de Santo Antônio e na Penitenciária Lemos de Brito (1975-1979), resultando em momentos de descontração e alegria para todos; a espera ansiosa e feliz em receber os exilados no Aeroporto Dois de Julho, atual Aeroporto Luiz Eduardo Magalhães, quando retornavam ao Brasil, nas madrugadas de 1979 a 1980. Como também ao acompanhar o desencanto dos que saíam da clandestinidade diante de realidades que se lhes apresentavam.

Incentivada por um grande amigo, Jorge Vital, brasileiro, baiano que fazia pós-graduação na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), Cidade do México, conclui que este local seria a melhor alternativa de partida para meu projeto. A viagem ocorreu entre 17 de abril e 06 de julho de 1981. A passagem aérea pela Varig foi assim programada: Salvador/São Paulo/Cidade do México (com parada no Aeroporto de Bogotá). No retorno ao Brasil: Cidade do México/Manágua/Panamá/Bogotá/Manaus/ Belém/Salvador.

Foram dois meses e meio de aventura. Felicidade também. A programação incluiu 30 dias em terras mexicanas, e uma semana em Havana; quase um mês e meio em Manágua localizando pessoas indicadas por militantes mexicanos/as e conhecendo as cidades como Granada e Masaya. Em seguida, a Cidade do Panamá e arredores. Bogotá com várias encomendas de colombianos para familiares. Daí segui para Manaus para conhecer a cidade

e, em especial, o encontro das águas do Rio Negro com o Solimões, dando origem ao Rio Amazonas; e Belém para ficar com meu irmão e família. Retornei em julho quando a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) se reunia em Salvador com a presença de Darcy Ribeiro e Celso Furtado recém-chegado da temporada no exílio, ambos aclamados por um público amplo, formado por estudantes, docentes e militantes.

México, o portal da América mestiça

Embora na divisão político-administrativa, o México esteja situado na América do Norte pouco se associa esse país às potências representadas pelo EUA e Canadá, tanto no poderio econômico como no cultural e político. A identificação é imediata com a América Central e seus pequenos países pela cultura das nações indígenas – Asteca e Maia – com nível elevado de desenvolvimento quando da chegada dos espanhóis. A preservação dos monumentos erguidos pelos Astecas impressionou-me quando visitei as Pirâmides do Sol e da Lua nos arredores da capital mexicana.

No Aeroporto Internacional Benito Juarez (mais conhecido como Aeroporto Internacional da Cidade do México) fui recebida por Jorge Vital e sua companheira Martha Arango e levada para sua residência no bairro de Coyoacan, nas proximidades da UNAM. Em área com características de bairro popular, um pequeno prédio habitado por brasileiros em sua maioria. A recepção foi muito agradável e nos dias que se seguiram convivi com vários colegas e amigos que cursavam pós-graduação e, entre eles, Israel Pinheiro, paciente, grande amigo e militante das lutas desenvolvidas na América Central. As recomendações com os cuidados, tais como, andar devagar em razão da altitude de quase 2 300 metros em relação ao nível do mar e cuidar da respiração. Sair à noite somente se acompanhada por eles. À época, os índices de estupro e violência sexual contra as mulheres já era considerado alto, inclusive na área da UNAM por ser em campo aberto. Então estabeleci uma rotina para conhecer a cidade com calma durante o dia realizando várias visitas, entre elas as mais importantes: o Museu Nacional de Antropologia (MNA), a Praça da Constituição, conhecida como *Zócalo*, onde ficam entre outras edificações, a Catedral Metropolitana do México e o Palácio do Governo. Também o Museu Casa de Leon Trotsky, localizado no bairro de Coyoacán.

Situado no Bosque de Chapultepec, o MNA apresentava, na época, a história da formação do povo mexicano. Dividido em três grandes partes e, em cada uma delas, várias salas com informações gerais sobre as diversas nações pré-colombianas: localização, habitação, arte e forma de vida; as esculturas em tamanho natural concentravam muita riqueza no detalhe das vestimentas. Minhas visitas em três tardes consecutivas forneceram um melhor entendimento do que significa a cultura mexicana e, conseqüentemente, me ensinou a valorizá-la ainda mais. Também nesse bosque percebi etnias indígenas vendendo comidas típicas e objetos de arte. Para alguns estudiosos essa presença era vista como conquista da Revolução Mexicana (1910), porque tais etnias estavam nas ruas desenvolvendo atividades.

O Palácio do Governo – historicamente o Palácio de *Moctezuma*, construído no Século XIV – com os murais inacabados de Diogo Rivera (1886-1957), famoso artista mexicano cujas obras se distribuem em vários países, encantam os visitantes. Elaborados no período 1929 a 1951 revelavam a conquista da Cidade do México, a humanidade e sua flora, como também a figura de Frida Kahlo, sua companheira e grande artista, entre as mulheres.

A visita ao Museu Casa de Leon Trotski também me marcou profundamente. Localizado em Coyoacán, instalado em uma casa com jardins onde Trotski e família viveram asilados no México desde 1937 até 1940. O Museu abriga vários livros, quadros, jornais que relatam a sua vida na Rússia e as passagens em países europeus quando foi expulso a mando de Josef Stalin. Os cômodos de uma pequena casa acolhedora, a guarita, que por questão de segurança foi construída depois do primeiro atentado que ele sofreu, destoa do aspecto da residência; e o escritório onde foi abatido por golpes de picareta, cuja mesa na qual trabalhava estão livros, papéis e os óculos que usava quando foi assassinado em 1940 por ordem de Stalin. Todos os objetos estavam cobertos na época por uma toalha plástica leve e transparente. No jardim, o túmulo com os restos mortais dele e da esposa, Natália Sedova.

Dois dias de domingo

Em Cuernavaca, capital do Estado de Morelos, passei um dia ensolarado de domingo em companhia de Cíntia, jovem argentina e também pós-graduanda da UNAM. Na *Plaza de Armas* visitamos um monumento a Emiliano Zapata em um cavalo empinado, líder da

Revolução Mexicana, popular na história do México. E da América Latina. Soubemos que em várias cidades de Morelos existem esculturas em sua homenagem. Cuernavaca é uma cidade encantadora e destino turístico para quem visita o país. Também em um domingo fomos em grupo a um aniversário de quinze anos nos arredores de Tlaxcala capital do estado com o mesmo nome, considerado o menor do México. Sobrinha de Alejandro, mexicano casado com Mercedes, colombiana, amigos de Jorge. Fomos recebidos em uma casa bem ampla, muitas pessoas em mesas sendo servidas e aguardando a *Quinzeanera* que, algum tempo depois apareceria de vestido branco, longo, acompanhada pelo pai. Em seguida, casais jovens foram formados e, com os demais convidados, seguimos a pé como em um desfile, até a Igreja local, em cujo acesso está instalado o Cemitério da localidade. Houve a missa e o Pároco enfatizou a importância da virgindade. Voltamos caminhando, o sol estava forte e, por vezes me sentia no sertão nordestino ou então diante da imagem de uma película de um *farwest* estadunidense onde a poeira em suspensão também é protagonista. Almoço farto ao som de um conjunto de *Mariachis* com repertório de boleros famosos. No meio da tarde uma banda de *rock* assumiu o pequeno palco. Foi a vez dos jovens. O Pároco estava presente e o comentário era de que tinha filhos, apesar do moralismo de sua fala na Igreja. Quando retornamos, elaborei um pequeno artigo sobre essa experiência tão singular, mas que nunca publiquei e se perdeu no meio aos papeis, mas não da minha memória.

Uma semana em Havana

No dia 27 de abril embarquei para a Cidade de Havana em excursão organizada por uma agência de turismo que entre os encaminhamentos, providenciava uma “visa” para entrada em Cuba, o que significava que durante o período oficialmente permaneci no México, já que no passaporte brasileiro constava que era “válido para os países que mantenham relações diplomáticas com o Brasil”. Formávamos um grupo de mais ou menos vinte pessoas com duas brasileiras: Célia Belmiro, Professora carioca, Fotógrafa que desenvolvia aulas com crianças em favelas do Rio de Janeiro e eu, as duas clandestinas. Os demais eram mexicanos e de outros países latino-americanos. Meu principal interesse era o de assistir à celebração do Primeiro de Maio em Havana naquela semana, durante a sexta-feira.

No Aeroporto Internacional José Martí, com instalações simples, até modestas, os serviços demoraram de ser concluídos e em companhia de uma guia cubana seguimos para o *Hotel Habana Libre* que pertenceu à rede norte americana *Hilton* antes de 1959. Com 25 andares, ocupando uma quadra da rua, de fachada bem ampla, a visão da cidade a partir do apartamento era singular. Todas as refeições eram servidas no hotel e no último andar funcionava uma boate que recebia cubanos residentes. Muito bonita também. Com Célia, na maioria das vezes optamos por programas fora do roteiro definido pela agência mexicana com apoio terrestre cubano. Sozinhas visitamos a *Coppelia*, sorveteria, onde a fila era grande para consumir *helados*; apresentações musicais nas praças e no Parque Lenin uma peça de Teatro de Pantomima. E com Martha Hernandez, Assistente Social cubana que foi aluna do mesmo curso que fiz em Haia/Holanda em 1975, preferimos conhecer a cidade fazendo fotografias, conversar com as pessoas que nos pareciam muito alegres e comunicativas. Martha nos propiciou andar em um utilitário soviético e em seu carro da marca *Lada*, também fabricado na URSS.

No Dia do Trabalho, em avenida próxima ao hotel, assistimos ao desfile oficial com pelotões das forças militares cubanas, seguidas por representantes do governo, inclusive Fidel Castro. Por último nos agregamos à multidão que seguia para a Praça da Revolução onde está instalado o Memorial José Martí para assistir o discurso do Comandante em Chefe, que não foi longo como costumava fazer. Festa muito bonita. Na programação turística, o grupo visitou *Varadero*, uma das praias mais famosas de Cuba. Conscientes de que escolhemos o melhor para o momento histórico em nossas vidas, voltamos para almoçar no *Habana Libre*. E *Varadero* ficaria para um retorno, pensávamos.

Entre os hóspedes do hotel, canadenses, europeus, estadunidenses, soviéticos e latinos se encontravam no elevador, restaurante e boate. Um grupo búlgaro estava fazendo uma temporada de shows no país e permaneceram mais dias em Havana devido aos problemas mecânicos no avião da *Aeroflot*, cuja peça de reposição tinha que vir de Moscou. Enquanto isso, bebiam muito rum. Dançavam também. A nossa conversa era traduzida pelo intérprete cubano, negro com cabelos *black* e olhos verdes. O verão se aproximava e os dias eram claros. Quando dançava na boate me perguntava se estava vivendo um sonho. E quando retornei a Cuba em 1994, em um voo de Solidariedade organizado pelo COSPAC, fiquei no mesmo hotel e, como em 1981, da janela do apartamento apreciei Havana, mas a

sua fisionomia tinha mudado. Era triste, cinzenta. A população vivia o Período Especial após a dissolução da União Soviética. Com solo e subsolo muito pobres, sem potencial energético, sem receber a vultuosa quantia com a venda de açúcar acima do preço cambial e sob forte bloqueio liderado pelos Estados Unidos, o povo cubano sofria. O governo não dava resposta satisfatória. Dessa forma, fui a *Varadero* acompanhando o grupo de brasileiros do voo de solidariedade. Água translúcida, cristalina. Inesquecível. Em tempos difíceis de sobrevivência, o turismo se tornou uma das alternativas para Cuba envolvendo suas consequências boas e más.

Um mês e meio em Manágua na *Nicarágua Libre*

Após a estadia no México, no dia 04 de junho cheguei no Aeroporto Augusto Cezar Sandino em Manágua e depois dos tramites de entrada no país, me dirigi para uma pensão de madeira, convivi com uma família pobre, constituída por mulheres – mãe, duas filhas, uma menina de cinco anos aproximadamente – e que, com o passar dos dias, sentia que não eram simpáticas ao novo governo. Falavam que “no tempo de Somoza era melhor” ... Tal realidade não impediu que o nosso relacionamento se tornasse amistoso e agradável, considerando que não escondia o meu entusiasmo de estar vivendo a euforia das comemorações de dois anos da Revolução Sandinista.

Quando viajei para outras cidades me acompanharam com muita satisfação; trocávamos receitas e apreciavam os bolos que fazia; o fogão da casa estava com o forno quebrado. Então eu batia a massa, colocava na forma e saíamos para assar em uma das casas vizinhas. Pela rua, uma das donas da pensão falava que *la brasilleña hizo un nuevo pastel* para abrir o caminho rapidamente e evitar a massa descer para o fundo da forma. Na volta, com o bolo assado, nos deliciávamos tomando café ou um suco e presenteávamos a dona de casa que tinha cedido o forno com uma fatia.

Os quartos individuais para os hóspedes, também em madeira, tinham um pequeno banheiro. Localizados no fundo da parte principal da casa, dispostos ao lado de um corredor. O valor da diária era caro na época (calculado em dólar) e incluía o café da manhã. Diante da informação de que passaria quase trinta dias, as relações foram se estreitando e, com isso, passei a fazer as refeições contribuindo com alimentos e participando da preparação.

Introduzi alguns hábitos alimentares nossos como o cuscuz e aprendi muito da comida simples que consumiam. O prato trivial, não só na pensão, mas em outros locais, era *gallo pinto* (feijão preto com arroz cozidos juntos) e banana da terra com variações.

Na noite de 23 de junho expliquei como era festejado o São João: cantamos *Olha pra o Céu meu Amor* de Luiz Gonzaga, entre outras canções, e ensaiamos alguns passos de Quadrilha Junina balançando as saias. Do *Túnel do Amor* (passo muito praticado nas festas juninas, o túnel é feito pelo encontro das mãos dos dançarinos formando um arco por onde passam por baixo os pares) e do *Caminho da Roça* (fila em que os participantes dançam com as mãos na cintura de quem está na frente e pulam quando se grita: “olha a cobra, ou põem as mãos na cabeça quando ouvem “olhe a chuva”). Enfim, lembro com uma doce saudade dessa família formada por mães solteiras com pouca instrução formal, e tão afetuosas.

Contatos políticos

Das pessoas indicadas por amigas/os mexicanas/os destaco os chilenos anteriormente exilados na Europa, e que estavam vivendo em Manágua, apoiados pelo governo. Entre eles, Vitor Toro Ramirez e família. E Judite Duño, jovem membro da Juventude Sandinista.

Aconselhada a evitar sair à noite, dediquei algumas tardes aos chilenos ouvindo-os sobre o exílio na Europa, os cuidados médicos recebidos pelo governo da Alemanha, alguns passaram períodos em hospitais para se recuperar dos danos físicos e psicológicos das torturas sofridas pelo regime militar chileno. Mostravam-me algumas fotos. Inacreditáveis. Chocam a dignidade humana. Mas não sentia vontade de revê-las e muito menos fazer cópias para divulgar no Brasil. Eram, em sua maioria ex-militantes do *Movimiento de Izquierda Revolucionário (MIR)*, mas que continuavam com a esperança de mudanças no país de origem e mantinham a rede de informações principalmente no México. Apoiavam os sandinistas, inclusive desenvolvendo um trabalho de pesquisa sobre a condição da mulher nicaraguense. Abordando a sociedade machista, comum na América Latina, estavam detectando que os homens, em muitos casos, tinham a sua família “oficial” e outra na informalidade, provocando um número expressivo de mães solteiras. Isso de maneira aberta. Tal fato me ajudou a compreender melhor a estrutura familiar da pensão onde vivi por um mês.

Com Judite foi uma experiência inesquecível. Recebeu-me em sua casa feita em madeira, no retorno da Faculdade. Almoçamos juntas um prato de *gallo pinto* com banana da terra e marcamos para irmos no sábado à tarde assistir a um treinamento da Juventude Sandinista no Campus Universitário que, por sua vez, incorporava jovens que em um batalhão específico buscavam a preparação para as lutas internas de outros países centro-americanos. Quando chegamos na área campal, a alegria dessa juventude tão cheia de sonhos e de coragem me surpreendeu. E mais ainda quando Judite falou que marcharia junto aos que seguiriam para a fronteira com Honduras para exercer a função de combater os *contras* (reconhecido como Exército Patriótico na história recente do país). Fiquei sozinha e ela correndo propunha que me juntasse ao grupo de estrangeiros. Hesitei por um instante. Entrei timidamente na última fila do pelotão, mas no momento de pegar um dos fuzis agrupados no solo, me faltou coragem, desisti e optei por assistir ao treinamento de Judite. Armados, rastreavam o solo.

Voltei para a pensão, a pé, imaginando como pessoas tão jovens, durante uma tarde de sábado, preferiram um “programa” como esse em lugar de uma diversão. As respostas que encontrava era que perseguiam um sonho libertário. Quando nos encontramos para nos despedir, Judite comunicou que tinha sido promovida. Seguiria para a fronteira. Estava muito feliz. Já no Brasil, acompanhando as dificuldades dos sandinistas em preservar os princípios da Revolução, pensava em Judite e me perguntava se resistiu, e se seguia viva.

Com tristeza visitei a área central de Manágua em ruínas devido ao terremoto ocorrido em 1972, o maior já registrado no país, que provocou mortes e destruição, apesar da mobilização internacional de recursos, nove anos depois seguiam desocupados e sem recuperação urbanística. Foi determinante em sentir que poderia trabalhar na área de urbanismo, como voluntária, fiz contato com o Ministério de Planejamento. Fui recebida por um oficial, apresentei meu passaporte. Propus fazer/coordenar um levantamento de uso do solo urbano, trabalho básico para avaliar e montar mapas fornecendo parâmetros para decidir sobre melhoria habitacional, sistema viário e áreas verdes e/ou protegidas, ou seja, como diagnóstico para futuros projetos. Acumulava experiência como técnica da área de planejamento regional no órgão metropolitano estadual na Bahia desde 1974. Houve receptividade mas para ser aceita, montar equipe de apoio e realizar o trabalho exigiram uma carta recomendação de um dos partidos de esquerda no Brasil. Recorrendo a dois amigos em

Salvador que atenderiam ao meu pedido, o grande problema era o envio com segurança. Não havia condições. Deixei o projeto para meu retorno um dia.

Costumo, quando visito um lugar, fazer um recorrido para me despedir tal como fiz no México DF. Na véspera de partir para a Cidade do Panamá, saí da pensão pela manhã, usando bermuda vermelha e blusa branca. Na época não era comum na Nicarágua esse tipo de vestimenta. As pessoas me olhavam e os homens diziam *Ai Mamancita* de forma irônica. Não lhes dava atenção, muito machismo, pensava, no Brasil essa roupa é tão usada, tão comum. Prossegui a pé fazendo fotos. Uma delas do prédio do Ministério do Interior, de sua fachada do lado oposto da rua. De repente, um jovem soldado se dirigiu e segurando o meu braço pediu que lhe acompanhasse porque estava sendo detida. Conduziu-me ao interior do prédio explicando que era proibido fazer fotos por se tratar de uma área de segurança. Fui revistada por uma mulher, apresentei o passaporte e ela pediu que aguardasse. Em seguida, dois militares entraram na sala e me interrogaram: o que fazia em Manágua, onde estava hospedada. Pediram minha câmara e que indicasse quais as pessoas que conhecia na cidade. Não perdi tempo: Vitor Ramirez, o chileno mais conhecido entre os asilados e o de Judite Luño da Juventude Sandinista. Pouco depois devolveram a máquina fotográfica e me dispensaram. Quando saí, realmente vi a placa de proibição de fotos do local e também que não danificaram o filme. Pode ter sido impressão, mas, me senti seguida por alguns momentos.

O interessante é que todas as etapas foram de uma abordagem normal, todas feitas por pessoas educadas. Não senti medo e não houve tempo para contatos com Vitor Toro e Judite Luño a fim de confirmar se eles foram consultados a meu respeito. Quando saí do Ministério do Interior fui em direção a Praça da Fé (atual Praça da Revolução) onde está o Memorial de Carlos Fonseca Amador, um dos fundadores da FSLN em 23 de julho de 1961, morto em combate em 1976 que recebeu como honra o título de Herói Nacional por decreto da Junta de Governo de Reconciliação Nacional no ano de 1980. Um dia depois, em 25 de junho, sobrevoei Manágua com destino a Cidade do Panamá.

Cidade do Panamá, base militar estadunidense na zona do Canal e soldados negros

Na capital do Panamá fiquei hospedada com um casal. Migdália, que, como estudante da UNAM, viveu no mesmo prédio onde Jorge e Israel moravam no México DF. Foram poucos dias e mesmo assim concentrei informações valiosas: muito amáveis mostraram os pontos turísticos, os soldados chamados de “gringos”, embora de grande maioria negra. Exibiam-se em carros esportes quando circulavam nas ruas. Enquanto isso registrei as habitações dos negros panamenhos que participaram da construção do Canal. Eram precárias. Não visitei a Zona do Canal devido à distância de 70km e, no fundo, não sentia vontade. Preferi desfrutar da companhia do casal e trocar experiências. Interessante que fomos a uma pizzeria e Migdália me disse: “tome os talheres porque os brasileiros usam para comer pizza”. A essa altura, já comiam usando as mãos em um guardanapo.

No dia 30 de junho segui em um voo para Bogotá pela *Avianca*, lotado de passageiros barulhentos que comentavam que não havia diferença entre colombianos e panamenhos. Somos irmãos, diziam. Passei três dias em contato com familiares de amigos que conheci no México. Cidade linda e fácil de se localizar – diferente de Manágua onde as ruas na época não tinham nomes e sim um ponto de referência e daí para a direita, para a esquerda – com grandes eixos paralelos à Cordilheira. Os verticais, também numerados. Foram muito ricas as experiências em companhia de pessoas estudiosas da cultura musical andina. Ouvia com atenção as histórias que contavam sobre a violência no país exercida pelos cartéis de drogas que controlavam territórios como Cali e Medellín, entre outros, para os cultivos de maconha e, depois, de cocaína; a influência que exerciam sobre vários aspectos do cotidiano da população colombiana.

Voltei à Colômbia em novembro de 1982 quando pude absorver mais o sentimento de preservação da memória de Simon Bolívar. Visitei a casa que ele viveu em Bogotá em 1820 oferecida pelo governo da Colômbia – a Quinta de Bolívar – onde existe uma árvore plantada por ele apoiada por pilares; impressionante o piso de acesso ao Museu: losangos feitos com pedras e ossos de animais. Conheci Cali encravada no declive da Cordilheira Oriental dos Andes na costa pacífica. Uma comunidade bem distinta da que habita a capital, Bogotá, com presença forte de descendência negra. Lembrava Salvador pela negritude e alegria.

De Bogotá segui para Manaus. Depois Belém e interior do Pará para visitar meu irmão Orlando, assustado com a minha ida a Nicarágua. Nem falei com ele que fui à Havana. Cheguei em Salvador, em 06 de julho de 1981, querendo ampliar a militância até então vivida, para América Central, com a visão de que a solidariedade não tem fronteiras. Senti na pele, cheguei *trazendo na mala bastante saudade*.

A criação do COSPAC

Várias atividades foram programadas/realizadas por vezes enfrentando o regime político vigente na época, que merecem pontuações na condição de Comissão de Apoio aos Povos de El Salvador (1981) criada como subgrupo no CADH. O mais forte estímulo de ampliação de sua base aconteceu a partir da palestra proferida por Israel Pinheiro, em outubro de 1981, recém-chegado da Cidade do México, onde participava do trabalho político de solidariedade internacional. O evento foi convocado pelo CADH, realizado no Auditório do Clube de Engenharia da Bahia (CEB), assistida por aproximadamente duzentas pessoas.

Após alguns anos, com mais robustez, o COSPAC aprovava seus estatutos em 17 de agosto de 1985, em assembleia de seus membros, em nossa sede na Igreja Batista de Nazareth.²² Adquirindo personalidade jurídica, o COSPAC seguiu atuando em campanhas locais – promovendo eventos e participando de atividades –, nacionais – encontros principalmente – e internacionais – como envio de representantes para a III Brigada Brasileira para a Colheita do Café intitulada Zumbi dos Palmares – Rogério Ferrari e Dimas Galvão –, acompanhamento e assessoria ao Médico Mauro Khoury (1988) para trabalhar durante dois anos e a ida de Emiliano José como Observador Internacional das eleições presidenciais de 1990.

Diante de uma experiência de 14 anos de militância em solidariedade internacional as ações do COSPAC foram se ampliando e, paralelamente praticávamos o crescimento e formação política desenvolvendo pesquisas sobre a Guatemala, Nicarágua e Panamá; e países do Caribe, como Grenada, Cuba e Haiti. Firmamos um documento fruto de um

²² Os Estatutos do COSPAC estão publicados neste Memorial.

seminário interno sobre o conceito de Solidariedade Internacional em novembro de 1987, anexo do presente texto; e produção de artigos com o objetivo também de identificar/aproximar os protestos por liberdades democráticas aqui no Brasil. Tal percurso fortaleceu sobremaneira a motivação para atuar em prol da solidariedade com os povos em luta na América Mestiça.

Referências

COSPAC. *A invasão que adentra pelo Panamá – a América Latina e a nova doutrina B/B (Bush & Baker)*. Cadernos dos CEAS n.127. Maio/junho. 1990. p/58-73.

ESTANISLAU, L. *Em Tempo um jornal para enfrentar a ditadura de modo contundente*. Democracia Socialista. Disponível em: <https://democraciasocialista.org.br/category/quarenta-anos-ds/> Acesso em 20/05/2024 às 09h e 25min.

DIBO, D. *Grande Enciclopédia Geográfica Mundial*. Moderna Geografia das Nações. Volume 1. Li-bra Empresa Editorial Ltda. São Paulo. 2ª Edição, 1969.

MARTINEZ, J. *Mi General Torrijos*. ABRN Producciones Gráficas. Buenos Aires, Argentina 1987.

MOREIRA, R. *O que é Geografia*. Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 1981.

ZENCEY, E. *Panamá*. Editora Record. Rio de Janeiro. 1996.

VI – MÉXICO: SOLIDARIEDADE NO CONTINENTE

Israel Pinheiro²³

Na última metade do século passado, as ditaduras militares disseminaram por todo o nosso continente, verdadeiras trilhas da maldição para os povos que tiveram que suportá-las até onde puderam, muitos tomando o caminho do exílio para simplesmente terem a garantia da própria vida, algo extraordinário, sobreviver naquele momento, uma sorte que muitos de seus confrades não tiveram.

Com isso, o exílio, naquele momento, passou a ter muita expressão política para nós, primeiro no Chile de Salvador Allende e depois no México, uma espécie de destino final para todos os expatriados do continente que ali se sentiam em uma pátria irmã. A solidariedade do México aos exilados latino-americanos foi sempre algo muito forte; ela está na essência de sua própria história. Nas suas guerras coloniais do século XIX, os Estados Unidos abocanharam uma boa parte do território mexicano. Sabem então, que se não fecharem os caminhos, esse poderoso e perigoso vizinho do Norte, continuará descendo em direção ao sul do continente. Por isso é muito importante estarem sempre ao lado daqueles que em seus respectivos países se levantam contra o imperialismo estadunidense. É a defesa da grande pátria que falava José Martí. Isso leva os mexicanos a estarem sempre se maldizendo com a sorte que tiveram: "*México, pobre México, tan lejos de Dios y tan cerca de Estados Unidos*".

No final da década de 1970, o exílio fervilhava, principalmente pela entrada em cena dos países centro americanos em um processo avançado de sua luta revolucionária, a Nicarágua à frente. O México era na verdade a embaixada de uma intensa revolução latino americana em curso e a Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), a maior e a mais engajada do continente, era o centro de um grande debate político que dava conta dos meandros, implicações e possíveis desenlaces desse movimento. Como aluno de pós-graduação de 1977 a 1981, reconhecia que a UNAM era, portanto, o epicentro de uma revolução de exilados, protagonistas do que acontecia nos seus países de origem e ao mesmo

²³ Israel Pinheiro, professor aposentado do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

tempo porta-vozes de uma produção cultural, política e acadêmica que tinham na UNAM muito espaço para o crescimento e divulgação.

Na verdade, o exílio mexicano era uma boa representação do que estava acontecendo abaixo de sua fronteira, principalmente na América Central onde os movimentos revolucionários estavam mais avançados do que em qualquer outra parte do continente. Eram frequentes na UNAM os debates, seminários, cursos protagonizados por dirigentes de importantes movimentos políticos da região e a depender da data ou dos acontecimentos mais recentes, tudo terminava em manifestações dentro ou fora da Universidade. Estavam sempre presentes os professores, estudantes e funcionários, seus sindicatos e organizações desta e de outras universidades da cidade do México e das Províncias. E aqui é importante citar Universidades localizadas em Puebla e em Oaxaca.

Também era sempre muito expressiva a presença da imprensa, principalmente rádio e televisão. Os partidos políticos oficiais, quando convidados, estavam sempre presentes ou representados, mesmo o conservador Partido Revolucionário Institucional (PRI) na época, com cinquenta anos no poder. A grande imprensa tinha sempre seus editoriais a favor da causa latino-americana. Tudo isso possível, somente em razão das particularidades históricas do México. O anti-imperialismo da burguesia mexicana é talvez o único no mundo, o que lhe dá uma singularidade muito grande em sua inserção na política continental. É muito simbólico que o exército do revolucionário Pancho Villa, o único no mundo tenha invadido os Estados Unidos, sem nenhuma possibilidade de enfrentamento ou vitória tomando a cidade de Tucson no Arizona.

Assim que a solidariedade às lutas dos povos latino-americanos no México não era o resultado somente de suas organizações e comitês, mas do apoio e até mesmo incentivos que tinham do próprio país. Os chilenos tinham aí *“La casa de Chile”*, um espaço imenso onde atuavam muitas organizações do continente e, nos reuníamos semanalmente no *“Comité Brasileño de Amnistia y Derechos Humanos”*. A partir dele nos mantínhamos integrados às campanhas pela redemocratização no Brasil e trazíamos para dentro dessas lutas os demais países do exílio mexicano. Levamos muitos personagens da política brasileira para entrevistas nos meios de comunicação, principalmente televisão. O último, que me recordo foi Theodomiro Romeiro dos Santos, primeiro prisioneiro político brasileiro, condenado à morte em março de 1971. Em seguida essa pena foi reduzida à prisão perpétua e após uma

série de interpelações judiciais e diante da constante pressão da comunidade internacional, teve a condenação definida a 16 anos a serem cumpridos na Penitenciária Lemos de Brito, em Salvador de onde escapou para o exílio pelo eixo Brasília/Cidade do México/Paris: em 17 de agosto de 1979 seguiu para Brasília, se asilou na Nunciatura Apostólica e, daí para a Cidade do México em 17 de setembro do mesmo ano onde passou alguns dias, Em seguida, viajou para Paris onde viveu seis anos. Em 1985 retornou ao Brasil, segundo informações orais de Emiliano José, maio de 2024.

Voltando pra Bahia em outubro de 1981, a ideia era integrar os baianos na solidariedade às lutas dos povos da América Central, naquele momento mais em evidência. Os sandinistas chegaram ao poder em 1979. Enfrentavam agora a contra- revolução desde a fronteira de Honduras, organizada pelo governo de Ronald Reagan. Em El Salvador a luta era duríssima. A *Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional (FMLN)* enfrentava muitas dificuldades para romper o cerco imposto pelo governo estadunidense e a oligarquia regional.

Dentro desse espírito e com muita vontade de dar a nossa contribuição desde a longínqua Bahia, trabalhamos primeiramente na Comissão de Apoio a El Salvador como subgrupo do Comitê de Anistia e Direitos Humanos (CADH), que fortalecida pelas atividades que conseguimos executar, dando origem em 1985 ao então, Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central (COSPAC). De início tivemos alguma dificuldade por um certo pioneirismo da proposta e uma Bahia muito mais voltada para a África do que para a América Latina, vendo as coisas por um viés popular, ou seja, por uma questão de identificação cultural. Já a nossa elite, essa nunca saiu da Europa e de suas demandas políticas, mas o grupo que desde o início compunha o COSPAC era muito entusiasta da ideia, do seu sentido político e de uma certa internacionalização da nossa cultura, até então muito provinciana. E isto fazia a diferença que tanto precisávamos.

Em 1986, já como Professor do Departamento de Política da UFBA, voltei para o México para completar os meus estudos de Doutorado em Ciência Política na UNAM. Também passei uma boa parte do tempo fazendo a minha pesquisa em algumas bibliotecas americanas; fixei residência em Austin, no Texas, onde está a *Latin America Library*, um prédio de quatro andares com toda a documentação histórica dos países do continente, entendi eu,

desde Hernan Cortez. Documentos do Partido Comunista Brasileiro (PCB), meu tema de trabalho, que não encontrei no Brasil, tive acesso com muita facilidade.

Mas Austin tinha também uma outra importância. Era uma espécie de centro político da América Latina no além fronteira. Pululavam os personagens, os acontecimentos culturais e políticos, todos voltados para o que acontecia naquele momento na América Central sem nenhum prejuízo para os países mais ao sul que estavam também presentes. Tudo era organizado e conduzido pela *Latin America Students Association (LASA)*: debates, shows, congressos: shows de músicas latinas; era impressionante a quantidade de cantores, individuais e regionais que se apresentavam; os congressos convidavam muitos partidos e associações políticas não só da América Latina, sendo muito forte a presença dos palestinos e de grupos da Ásia e África que lutavam contra as tiranias em seus países. Era significativa a presença de professores e estudantes norte-americanos nesses acontecimentos. Muitos passaram pelo continente, outros estudavam a América Latina. Os demais estavam por um ato de solidariedade aos povos do continente que viam muito importante por partir de dentro do próprio Império.

Em 1987, ainda no México, terminados os trabalhos que fui fazer, entendi que estava na hora de ir à América Central, ver de perto o que há muito tempo via de longe. Foi uma experiência fantástica no sentido essencialmente da política. Os grupos locais se encontravam em diferentes níveis de confronto com a repressão, já transnacionalizada. A geografia das operações e as fronteiras nacionais delimitavam suas diferenças e características muito próprias. Indo então na direção sul, a minha primeira parada foi em San Cristóbal de las Casas, ainda no México no Estado de Chiapas. Até onde eu sabia os focos de rebeldia no México naquele momento e nas últimas décadas não estavam em Chiapas, nem mesmo no Estado de Morelos, de Emiliano Zapata ou Chihuahua de Pancho Villa, lugares que até hoje guardam ainda muito viva a memória de seus antigos líderes. Estavam em Guerrero e Oaxaca. Uma guerrilha de muitos anos. Em Guerrero chegaram a sequestrar o Governador do Estado. Os mexicanos falavam em um “*Guerrero Bronco*”, sempre que se referiam à radicalização das lutas populares nessa região.

Pois bem, chegando a Chiapas, três coisas me chamaram a atenção de imediato. Uma densa população indígena, que só falava a língua deles, a rádio local não dizia uma palavra em espanhol. Uma população muito pouco aculturada, se olharmos seu comportamento

social de um modo geral. E por último, a exclusão social dessa população, sua pobreza e isolamento, frente à violência do latifúndio. Isso a tornaria disposta a tudo para recuperar antigos padrões de vida. É exatamente isto o que vai acontecer na década seguinte com a “Rebelião de Chiapas”, liderada pelo Subcomandante Marcos. Este movimento cresceu muito, trouxe muita dor de cabeça para o governo mexicano, mas teve seu momento de declínio, porque, não se consegue vencer um Estado Nacional com levante apenas de uma unidade da sua federação.

Ninguém vai ver muitas diferenças entre os vários países da região centro-americana, e aqui já incluímos o México, quando se trata da luta incansável de suas populações para recuperar suas terras expropriadas nos séculos passados, nas diferenças e conduções das lutas, nos percalços e conjunturas específicas de cada nação.

Na Guatemala as forças da repressão conseguiram manter sob controle os vários focos de rebeldia, espalhando quarteis por todo o país, alguns em regiões completamente inóspitas. Nesses quarteis, os militares escrevem em letras imensas uma espécie de decálogo da morte para aqueles a quem perseguem. Isso me chamou muito a atenção. Enquanto em outros países com ditaduras ferozes procuram disfarçar, colocando os militares como bonzinhos, salvadores da pátria, na Guatemala, eles fazem questão de expor os passos cruéis da repressão. Isso mantém a população em estado de terror permanente. Esse terror eu vi no motorista do ônibus em que viajava no interior do país. Passando por uma barreira policial, ele parou o ônibus e perguntou ao policial se estava tudo bem. Irritado o policial o mandou seguir viagem. De repente, o irritado já era eu e perguntei porque ele parou sem o policial mandar. E ele me disse com o mais profundo convencimento: *“por acaso no lo he visto”*. Criaram os *Kaibilis*, policiais disfarçados que atuavam na zona rural para dedurar líderes das comunidades. Eram recrutados entre os camponeses da região. Absolutamente iguais em tudo aos moradores. No entanto, de vez em quando um era expulso das comunidades. Perguntei a um velho indígena, como eles descobriam os *Kaibilis* e ele me respondeu: *“por los ojos, ellos tienen ahí el odio”*.

Enquanto na Guatemala as forças da repressão tinham o controle dos movimentos rebeldes, em El Salvador eles perderam esse controle e se estabeleceu então no país uma guerra revolucionária. Guerra que busca fazer uma revolução e, devido a tal situação não fui a El Salvador. Era impossível. Convivi com muitos salvadorenos no México. Acompanhei

todo aquele processo até o seu final negociado em 1992. Toda a dificuldade esteve em que pautas democráticas e modernizantes tiveram que entrar na negociação. E entraram. El Salvador resistiu a uma guerra que durou mais de 10 anos. Não foi em vão.

Na década de 1970 a Nicarágua avançou mais do que os outros. Os sandinistas chegaram ao poder em 1979 com muitas dificuldades para estabelecer o tão esperado poder popular. Rigorosamente, não fizeram uma revolução. Derrubaram uma ditadura. A revolução teria que ser construída a partir daí. Então encontraram muitas dificuldades. Afinal a oligarquia havia perdido o governo, não havia perdido o poder. A reação foi muito rápida, contando para isso com o seu aliado histórico, a Igreja Católica. No ano de 1990 a direita ganhou a eleição com Violeta Chamorro, viúva de Pedro Joaquin Chamorro, dono do jornal *La Prensa*, assassinado um ano antes de os sandinistas chegarem ao poder. Por isso, encontraram muitas dificuldades para começar o seu programa de mudanças sociais e políticas com o qual haviam se comprometido ao longo de sua luta revolucionária.

Mesmo assim avançaram muito se pensamos na Nicarágua dos tempos de Somoza. O cerco ao atual governo continua obrigando-o a confrontos cada vez mais acentuados com a Igreja Católica e uma imprensa oligárquica, liderada pelo *La Prensa* que vem dos tempos de Somoza. Ambos muito bem sintonizados com o governo estadunidense que não perde as esperanças de derrotar os sandinistas para ter o controle que sempre tiveram de toda a América Central. A Revolução, os setores de representação popular a fazem. Mas precisam de apoio externo e crescimento econômico para se consolidar. O cerco imperialista que se estabelece contras esses países que rompem a cadeia da dependência política os leva a uma situação de debilitamento da economia e estagnação dos processos de transformação social e política, fortalecendo em consequência seus inimigos internos e externos. Isso aconteceu com Cuba já por mais de meio século e agora com a Venezuela e Nicarágua.

O mais importante e também definitivo é que os povos desses países continuam firme ao lado dos seus governos. Sabem que um retrocesso seria fatal para o que já alcançaram. Sabem que o pior é voltar para onde estavam, mesmo com todas as dificuldades que lhes são impostas desde fora. O governo sandinista tem maioria na Assembleia Nacional, apoio de vários segmentos da população nas adversidades políticas. O presidente Daniel Ortega já está em seu quarto mandato com eleições livres e vistoriadas por instituições de fiscalização inclusive internacionais. Assim, podemos falar em consolidação. No entanto, o ideal

sandinista de uma Nicarágua livre, emancipada, moderna ainda deixa a desejar, mas isto depende de um mundo multipolar que ninguém controla em particular. O importante, o mais importante é que se registraram avanços nas políticas de educação, saúde, infraestrutura básica e o monitoramento quanto aos fenômenos físicos provocados pela Natureza – terremotos e lavas decorrentes dos vulcões – ocorridos nos anos de 1992, 2004, 2005 e 2014, que resultaram em menores dados quanto a perdas humanas e danos materiais significativos, se referenciados ao anteriores dos tempos de Somoza (1931, 1951, 1972 com elevados número de mortes). O *Instituto Nicaragüense de Estudios Territoriales (INETER)*²⁴, órgão responsável pelas investigações meteorológica, geológica, cartográfica e hidrológica e consequentemente, pela análise preventiva das ocorrências.

Assim, além de todas as informações, debates e muitas formas de participação que tivemos nas lutas dos povos centro americanos a partir das atividades do COSPAC na Bahia, é também relevante o fato de que em meio a estas atividades, desenvolvemos na Bahia a solidariedade política a outros povos do continente, em uma espécie de “um outro mundo existe” e nós somos parte dele. Portanto, foi dado um passo imenso no sentido de sua modernização, de sua integração ao continente latino-americano.

²⁴ INETER é o órgão descentralizado fundado em 05 de outubro de 1981 durante a gestão da Junta de Gobierno de Reconstrucción Nacional (1979-1985). Cf. Wikipedia Livre. Acessos em 22/05/2024 as 10h e 25min; em 24/05/2024 as 12h e 48min

ANEXO A - ESTATUTOS COSPAC

CAP. I - DENOMINAÇÃO, DOMÍLIO, OBJETIVOS E DURAÇÃO

Art. 1º - O COMITÊ DE SOLIDERIEDADE AOS POVOS DA AMÉRICA CENTRAL-COSPAC é uma entidade civil de direito privado, autônoma, com personalidade jurídica, sem fins lucrativos e essencialmente democrática, de caráter filantrópico e social, formada por pessoas que trabalham voluntariamente pela solidariedade internacional aos povos centro-americanos.

Art. 2º - O COSPAC terá sua sede na Cidade de Salvador, podendo, no entanto, estimular a criação de núcleos em outras regiões do Estado da Bahia, bem como apoiar a criação de grupos similares independente de sua localização geográfica.

Art. 3º - O objetivo principal do COSPAC será a permanente reivindicação pelos direitos dos povos centro-americanos à sua auto determinação, independência e à não intervenção de países estrangeiros em sua política interna.

§ 1º - Entende-se por solidariedade internacional o apoio moral, político e econômico de povos estrangeiros em favor da emancipação política de um povo que luta pela busca e manutenção de sua autodeterminação e por justiça social.

§ 2º - Para cumprir o definitivo no caput desse artigo, o COSPAC se propõe a:

a) Organizar, ampliar e divulgar as informações sobre o que está acontecendo na América Central.

b) Aprofundar o conhecimento dessas informações, promovendo discussões, cursos e debates.

c) Denunciar sistematicamente à opinião pública os crimes, atrocidades e violências em geral cometidas contra populações indefesas da região e as suas sequelas sociais e econômicas.

d) Articular-se com os grupos sociais, entidades de classe e outros segmentos da sociedade para ampliação de solidariedade internacional.

e) Manter contatos e organizar atividades conjuntas com entidades afins, a nível local, nacional e internacional.

Art.4º- O Cospac terá duração indeterminada e seu funcionamento legal será a partir do registro do Estatuto.

Cap. II - DOS MEMBROS

Art. 5º - O Cospac será constituído por indivíduos que compartilham com seus objetivos, sendo o nº de sócios ilimitado, sem distinção de cor, sexo, nacionalidade, profissão, credo religioso ou político.

§ 1º- São direitos dos filiados:

- a) Votar e ser votado
- b) Participar de comissões de trabalho

§ 2º- São deveres dos filiados:

- a) Cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto.
- b) Contribuir financeiramente, conforme deliberação da Assembleia Geral.

§ 3º- Os membros da entidade não respondem solidária nem subsidiariamente pelas obrigações contraídas por esta.

§ 4º- Qualquer membro da Coordenação ou filiados da entidade poderão ser afastados por deliberação da Assembleia especialmente convocada para esse fim, garantindo-se o direito de defesa do associado.

Cap. III- ESTRUTURA ORGANIZACIONAL

Art. 6º - Assembleia Geral- É a instância máxima da organização e dela fazem parte todos os filiados, com igualdades de direitos e deveres.

Art. 7º - Comissões de Trabalho- Constituídas de filiados para a execução das atividades do Cospac, devendo contar com um mínimo de 3(três) pessoas, para o seu funcionamento.

Art. 8º- COORDENAÇÃO- Constitui-se, no mínimo, de um Coordenador, 1º e 2º Secretários, 1º e 2º Tesoureiros e dois Suplentes.

§ 1º - A Coordenação será eleita através de sufrágio direto, na Assembleia Geral e terá mandato de dois anos, podendo se reeleger por mais uma gestão.

§ 2º- Novos cargos poderão ser criados, por proposta de Coordenação encaminhada e aprovada pela Assembleia Geral.

Art. 9º- CONSELHO FISCAL- Constitui-se de 3(três) membros eleitos juntamente com a Coordenação e pelo mesmo período de tempo.

CAP. IV - DO FUNCIONAMENTO E ATRIBUIÇÕES

Art. 10º- A Assembleia Geral reunir-se-á semestralmente em caráter ordinário para análise e discussão dos trabalhos, ratificação ou retificação do programa, estudo de novas propostas e para decidir sobre quaisquer casos omissos neste Estatuto, sendo que na última Assembleia do ano será prestação de contas.

§ Único- Considerar-se-á instalada a Assembleia Geral quando estiverem presentes a metade e mais um da totalidade dos associados do COSPAC. Uma hora após o tempo previsto para o início dos trabalhos, a Assembleia Geral será instalada com os associados presentes, tendo poderes deliberativos.

Art. 11º- A Assembleia Geral poderá reunir-se em caráter extraordinário por iniciativa da Coordenação ou quando solicitada por um mínimo de 10% dos associados em pleno gozo dos seus direitos.

§ Único- Os pedidos da Assembleia Geral Extraordinária, sempre que dentro das exigências estatutárias, serão atendidas pela Coordenação num prazo nunca superior a 10(dez) dias.

Art. 12º- Às comissões compete levar à prática os programas estabelecidos de acordo com os objetivos do COSPAC.

Art. 13º- A Coordenação reunir-se-á ao menos uma vez por semana, terá poderes executivos e disporá dos recursos do COSPAC para a execução dos seus programas.

§ Único- Caberá à Coordenação:

- a) Coordenar a execução das atividades das Comissões de Trabalho e a Assembleia Geral;
- b) Apresentar à última Assembleia Geral do ano uma prestação de contas dos recursos financeiros, com uma contabilidade de ingresso e egresso;
- c) Representar legalmente o COSPAC;
- d) Fixar data e local de reuniões ordinárias no intervalo das Assembleias Gerais;
- e) Elaborar seu próprio Programa de Ação;
- f) Criar comissões especiais;
- g) Convocar Assembleias Gerais Extraordinárias por iniciativas próprias ou quando solicitadas pelos sócios, conforme o artigo 10º do presente Estatuto.

Art. 14º - Os membros da Coordenação terão as seguintes funções:

- a) Coordenador:
 - Tratar dos interesses gerais da COSPAC, representando-o em juízo ou fora dele, podendo em ambos casos delegar poderes a outros membros.
 - Desenvolver atividades ligadas à articulação com entidades locais.
- b) Vice Coordenador:

1. Substituir o Coordenador nos impedimentos ocasionais e sucedê-lo na vaga até o fim do mandato.

2. Desenvolver atividades ligadas à articulação com entidades dos demais estados e do exterior.

c) 1º Secretário:

1. Manter atualizada a documentação referente aos temas, às atividades, aos associados e ao patrimônio do COSPAC.

2. Encaminhar a correspondência do COSPAC.

3. Secretariar as Assembleias Gerais e firmar com o Coordenador as atas das referidas Assembleias.

4. Organizar e conservar em ordem o Arquivo e a Secretaria.

d) 2º Secretário:

1. Ajudar o 1º Secretário e substituí-lo na sua ausência.

e) 1º Tesoureiro:

1. Cuidar dos interesses financeiros do COSPAC;

2. Escriturar as despesas e o movimento global, mantendo atualizados os registros contábeis do COSPAC;

3. Realizar a cobrança das contribuições mantendo atualizado o registro de contribuições dos associados.

4. Organizar o balanço anual e demonstração de contas da receita e despesas do COSPAC;

5. Promover formas de gerar fundos para o Comitê;

6. Movimentar conta bancária em nome da entidade juntamente com o Coordenador.

f) 2º Tesoureiro:

1. Ajudar o 1º Tesoureiro e substituí-lo na ausência.

g) 1º e 2º Suplentes:

1. Substituir o 2º Secretário, 2º Tesoureiro ou o Vice Coordenador nos impedimentos ocasionais e sucedê-lo na vaga até o fim do mandato, no caso de afastamento definitivo.

h) Conselho Fiscal

1. Fiscalizar a parte contábil de entidade e apresentar juntamente com a Coordenação o balanço anual e demonstração de contas de receita e despesa do COSPAC.

CAP. V- DO PATRIMÔNIO

Art. 15º - O patrimônio do COSPAC será constituído pela renda líquida das contribuições dos sócios, pelas subvenções e doações, além dos bens móveis e imóveis.

CAP. VI - DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 16º - O COSPAC se extinguirá através de uma deliberação de um Assembleia Geral específica, convocada para este fim. O seu patrimônio se reverterá em benefício de entidades afins ou filantrópicas, registradas no Conselho Nacional de Serviço Social, de acordo com o deliberado pela Assembleia Geral.

Art. 17º - A entidade não remunera por qualquer forma os cargos da administração, nem distribuirá lucros, bonificações ou vantagens e dirigentes, mantenedores ou associados sob nenhuma maneira ou pretexto.

Art. 18º - Os presentes Estatutos poderão ser reformulados em Assembleia Geral Extraordinária, especialmente convocada para esse fim.

Art. 19º - O presente Estatuto entra em vigor na data da sua aprovação.

Aprovado em Salvador, em 17 de agosto de 1985b)

ANEXO B - UNIR OS POVOS LATINOSAMERICANOS NA LUTA PELA SOBERANIA DO CONTINENTE (DOCUMENTO)

Os Estatutos do nosso Comitê afirmam: “Entende-se por solidariedade internacional o apoio moral, político e econômico de povos estrangeiros em favor da emancipação política de um povo que luta pela busca e manutenção de sua autodeterminação e por justiça social”. Dois anos depois de terem sido escritas, estas palavras permanecem inteiramente atuais. A atividade do COSPAC durante este tempo tem procurado, ao lado dos demais Comitês de Solidariedade, traduzir na prática esta concepção, como o demonstram as campanhas em defesa da Nicarágua, do povo salvadorenho e, mais recentemente, as ações de solidariedade ao povo chileno na ditadura Pinochet.

No entanto, o desenrolar da situação de nosso continente, o comportamento do governo norte-americano e dos diversos países da América Latina, o desenvolvimento da luta dos povos, o posicionamento das organizações populares (associações de bairros, centrais sindicais, sindicatos, partidos políticos, etc.) exigem de nós a reflexão cotidiana. Nosso comitê acredita que é da confrontação de nossa atividade com o desenvolvimento da realidade política, econômica e social do continente que poderemos aprofundar nossa concepção de solidariedade e nossa prática do dia. Somente assim poderemos agir corretamente e, em cada momento, precisar o papel do COSPAC na luta dos povos latino-americanos.

A espoliação das populações dos países da América Latina por parte do capitalismo imperialista, particularmente o norte-americano, tem chegado a níveis insuportáveis. Através do artifício da dívida externa (que alcança a casa dos 400 bilhões de dólares), nos últimos quatro anos foram transferidos da América Latina nada menos que 132 bilhões de dólares. Este verdadeiro processo de rapina vem acompanhando pelo monitoramento da economia dos países do continente pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o qual impõe uma política de recessão, arrocho salarial e miséria crescentes aos povos sul e centro-americanos. Quando qualquer povo tenta rebelar-se contra tal situação e exigir o direito a gerir seu próprio destino, o governo norte-americano declara uma verdadeira guerra, a exemplo da Nicarágua e de El Salvador. Diante desse quadro, a atitude dos governos dos diversos países do continente tem sido de submissão ou, no máximo, de tímidas reações. Tal

situação insuportável tem levado a que as organizações de trabalhadores, particularmente as centrais sindicais e os partidos políticos, procurem assumir em suas próprias mãos a defesa da soberania dos países latino-americanos. Foi nesta via que realizaram as conferências de Havana (1985) e a de Campinas (1987), sendo que esta última reuniu 56 centrais sindicais de 25 países da América Latina e do Caribe. A “Declaração de Campinas” afirma:

“A ação dos trabalhadores e dos povos baseada na unidade, constituiu a legítima resposta que deve cortar pela raiz os vorazes apetites imperialistas e exige a solidariedade dos trabalhadores dos próprios países desenvolvidos, assim como a unidade de todos os povos de Terceiro Mundo”.

E mais adiante:

“Este movimento de luta que se desenvolve em nosso continente e que se expressou em várias jornadas de mobilização continental, assume, cada vez mais, um caráter unificado e coordenado, com a classe trabalhadora desempenhando um papel protagônico diante das vacilações e submissões das classes dominantes nativas”.

A situação atual, portanto, não é a mesma de quando nosso Comitê se constituiu. Hoje, as organizações de trabalhadores de diversos países procuram se unificar e planejar ações comuns de luta por interesses comuns. É, portanto, um amplo movimento de ação conjunto dos povos do continente, capitaneado pela classe trabalhadora, que começa a surgir e a se consolidar. É um movimento ainda embrionário e frágil pelo estágio inicial no qual se encontra, mas, ao mesmo tempo, forte e poderoso pelas perspectivas e possibilidades que possui.

Apontando para o mesmo caminho, o ano de 1987, especialmente nos coloca diante de uma conjuntura diferente. A reunião da cúpula de Presidentes centro-americanos, nos dias 6 e 7 de agosto passado, na Guatemala, com a aprovação de um documento conjunto. Estipulas II, representava um avanço de relevância histórica na luta pela Paz dos povos da região. O importante é ressaltar o feito de que o lógico regional se impôs a tenaz resistência dos Estados Unidos para evitar o diálogo entre os centro-americanos. Este acordo projeta a nível internacional a ideia de que os governos da América Central, apesar de suas diferenças, têm condições para diminuir qualquer confrontação regional mediante negociações, sem que se justifique o intervencionismo dos Estados Unidos, surgindo um ambiente mais propício

para a ação de Contadora, do Grupo de Apoio e da comunidade internacional em seus esforços de paz.

A Solidariedade, portanto, ganha cada vez mais o significado de UNIÃO DOS POVOS NA LUTA ANTIMPERIALISTA E PELA SOBERANIA DA AMÉRICA LATINA. E é exatamente aqui que o COSPAC deve ocupar o seu lugar e desempenhar o seu papel. Obviamente, não compete ao nosso comitê pretender capitanear este movimento; isto cabe às organizações dos trabalhadores, às centrais sindicais e a seus partidos políticos. Nosso Comitê, no entanto, pode e deve dar sua contribuição. O desafio que para nós se coloca é precisar sob quais formas podemos contribuir com este processo, e o objetivo deste documento é abrir discussão a este respeito. De imediato, algumas diretrizes podem ser estabelecidas:

a) Aproximarmo-nos e articularmo-nos com os organizadores da Conferência de Campinas, em particular a CUT e a CGT, procurando integrar o Comitê aos encaminhamentos ali definido, a exemplo da campanha por uma hora de trabalho para a Nicarágua;

b) Participar e contribuir com a organização das Jornadas Continentais de Luta;

c) Fornecer informações aos sindicatos e organizações populares sobre a situação e luta dos povos, particularmente do Chile, Nicarágua e El Salvador;

d) vincular o mais claramente possível as atividades desenvolvidas pelo Comitê com a luta anti-imperialista e pela soberania do continente;

e) procurar esclarecer a opinião pública o estreito vínculo entre a luta do povo brasileiro por uma vida digna e a luta dos demais povos latino-americanos, explicitando que nossos povos possuem os mesmos interesses e os mesmos inimigos;

f) aprofundar o debate e a nossa participação na luta contra a dívida externa.

Evidentemente, a discussão está apenas começando e não pretendemos dar respostas prontas e acabadas. Mas acreditamos que o debate ocorrido em nosso último Seminário ofereceu uma boa base sobre a qual discussão pode prosseguir.

Salvador, 1º de novembro de 1987 Seminário de Avaliação do Comitê de Solidariedade aos Povos da América Central- COSPAC\BA.